

A Doutrina do Karma

(Um Estudo da Filosofia e Prática da Ação)¹

Swami Abhedananda²

“Ninguém pode permanecer absolutamente inativo nem mesmo por um momento. Impelido pelo poder da natureza, se é forçado a trabalhar. Portanto, sempre execute ações que são obrigatórias, sem apego; ao executar uma ação sem apego, se atinge o Supremo.”

-Bhagavad Gita, Cap. III, 5 & 19.



Swami Abhedananda

¹ A Tradução ao português foi efetuada a partir do livro original em inglês publicado pelo *Ramakrishna Vedanta Math* – Calcutta – 3ª Edição (July 1947).

² Swami Abhedananda (1866-1939) foi um discípulo direto de Sri Ramakrishna e irmão espiritual de Swami Vivekananda. Espalhou a mensagem da Vedanta no Ocidente de 1897 a 1921, quando retornou a Índia para continuar a missão de Sri Ramakrishna e Swami Vivekananda.

“A doutrina do Karma apenas, pode explicar o misterioso problema do bem e do mal e reconciliar o homem com a terrível e aparente injustiça da vida. Qualquer ação que não é feita através do apego ao resultado da ação, é para a purificação da alma, e assim que a alma é purificada o conhecimento vem e a lei do Karma cessa de existir. Isto é, a lei do Karma é transcendida. Assim se vai além dessa lei. A Karma Yoga ensina que ao executar todas as ações obrigatórias, sem buscar nenhum retorno para o indivíduo, isto é, através do desapego, nós ganhamos a purificação do coração, e quando a purificação do coração vem, ela reflete a Sabedoria Divina, e essa Sabedoria Divina acende o fogo do conhecimento, que queima todo o Karma, bom ou mau, e a alma individual torna-se absolutamente livre. Esse é o objetivo da Karma Yoga.”

Swami Abhedananda



As obras são sempre seguidas por seus defeitos e deméritos assim como o fogo é envolto com fumaça.

-Bhagavad Gita, Cap. XVIII, 48.



CONTEÚDO

CAPÍTULO I

Lei da Causalidade

Os fenômenos do mundo estão ligados juntos na cadeia de causa e efeito- Tudo tem uma causa definida por trás dele- A lei de causa e efeito é a mais universal de todas as leis- É a única lei que governa todos os fenômenos- Todo evento é o efeito de alguma força invisível- A ilustração do assassinato do Arquiduque Austríaco na Primeira Grande Guerra Mundial I- Um evento pode ser tanto uma causa quanto um efeito- Toda

ação é condicionada pela lei da causalidade- A lei do Karma- A palavra Karma inclui tanto a causa quanto o efeito- Sob o domínio da lei do Karma, não há espaço deixado para um acaso ou acidente- Acaso ou acidente é o produto de algumas causas desconhecidas mas definidas- É um resultado da mente não científica e da ignorância- Tudo é governado pela lei da causalidade- O que queremos dizer com os termos bom, mau e misto- É impossível encontrar qualquer ação absolutamente boa ou má- Ações são seguidas por seus defeitos e deméritos.

CAPÍTULO II

Lei da Ação e Reação

‘Lei da causalidade’ inclui a lei de que o igual produz o igual- Todas as atividades mentais determinam o caráter do ego individual- Cada caráter ou personalidade é o resultado geral total da ação mental anterior- Cada efeito está latente na causa e vice-versa- É nosso próprio Karma que produz alegria ou tristeza, prazer ou dor- Nosso caráter presente é determinado pelo passado- Nem Deus nem Satanás são responsáveis por nosso prazer ou dor- Nenhum espaço deixado para a hipótese de predestinação e graça- O que eles significam- Um crente na lei do Karma é um agente livre- Recompensa e punição dadas por Deus não são nada além das reações de nossa própria ação mental e física- A doutrina do Karma nega o Governante arbitrário- Deus nunca recompensa o virtuoso nem pune o malvado.

CAPÍTULO III

Lei da Compensação

A doutrina do Karma inclui a ‘lei da compensação’ e a ‘lei da retribuição’ - Há um contrabalanço entre uma causa e seu efeito- Todas as leis do Karma trabalham juntas- Não há nem aumento nem diminuição em qualquer lugar- A mesma ‘lei da compensação’ manifesta-se em todos os planos, mental, intelectual e moral com igual regularidade- Não pode haver barganha no reino da natureza- A lei da compensação governa tanto o senciante quanto o insenciante- Nenhum homem pode desafiá-la- Um homem pode colher o resultado da compensação por seu trabalho ou nesta vida ou depois- Pré-existência e reencarnação da alma não podem ser negadas- Justiça e compensação a cada passo da vida eterna- A lei da compensação cobre toda a cadeia de nossas vidas individuais- A visão mais ampla da vida da alma realmente traz o equilíbrio perfeito de causas e efeitos.

CAPÍTULO IV

Lei da Retribuição

Todo ato bom traz sua própria recompensa pela lei da compensação- Ato mau traz sua própria punição pela lei da retribuição- Ação e reação são como a flor e seu fruto- A lei da retribuição traz sua recompensa primeiro na natureza interna, e então na externa- Virtude, sabedoria, verdade e amor procedem de Deus- Elas são qualidades espirituais- Virtude e vício são produzidos pelos próprios pensamentos e ações das pessoas- Os ditos de Emerson e São Bernardo- Os Hindus não acreditam na doutrina do fogo do inferno- Eles acreditam na lei eterna do Karma- O que os budistas acreditam- A diferença entre a interpretação budista e vedântica da doutrina do Karma- Os *Karmas*, *Sanchita*, *Prarabdha*, *Kriyamana* e *Agami*- A mesma ideia foi transmitida por São Paulo- Cristo também referiu-se a isso- Hereditariedade não pode desvendar o mistério do bem e do mal- A opinião dos teólogos sobre isso- O que a Vedanta explica- A doutrina do Karma pode explicar os problemas do bem e do mal- Ela não predestina nada ou ninguém- Ela mostra a saída do mundo- É o consolo para os homens em seu mundo de aflição e miséria.

CAPÍTULO V

Filosofia do Karma

Filosofia do trabalho é chamada Karma Yoga- Três outros caminhos- As características dos escolhedores destes caminhos- Karma Yoga significa destreza na ação- O que o *Bhagavad Gita* diz sobre isso- Cinco condições essenciais para o trabalho mental ou físico- Eles são de três tipos -Não pode haver repouso absoluto do corpo ou da mente- A prática da filosofia do trabalho nos eleva acima de todas as leis- Há algo imóvel no meio do movimento incessante, a Karma Yoga explica isso- Ātman, o Conhecedor está além de todas as atividades- Um discernimento superior é necessário para realizar o Conhecedor- O que é significado pelos termos, cambiável e inalterável- O que o ‘tempo’ e ‘espaço’ significam- A identificação do Conhecedor com o corpo e a mente é devida ao nosso conhecimento imperfeito- Três tipos de conhecimento- A explicação científica dos cinco objetos do conhecimento- A corrente subjacente da energia primordial correlaciona todos os fenômenos- O conhecimento da unidade é realizado chegando inevitavelmente à energia eterna- Como os homens do conhecimento mais limitado vivem- Treinamento da mente é necessário primeiro- Perfeição através do trabalho vem quando o Ātman é realizado- O corpo não é uma meta da vida - Homens sábios trabalham incessantemente não buscando nenhum retorno de seu trabalho- Os passionais são infelizes- Verdadeiros trabalhadores obtêm felicidade ilimitada.

CAPÍTULO VI

Segredo do Karma

Este mundo é um palco- Cada um sem exceção desempenha seu papel- A vida é um drama- Homens passam de um papel para outro- A causa dessa peça mundial não está fora- São os poderes latentes que estão adormecidos em cada alma humana- Este estado latente ou adormecido é chamado *Tamas*- Pode ser melhor examinado no sono profundo- Ele acorda como uma atividade mental- Cada germe de vida possui potencialidades infinitas- Os estágios da evolução- O primeiro lampejo disso está nos animais inferiores- Ele atinge seu clímax em um ser humano- É chamado então de *Rajas*- Toda ação tem três estados- Somos impelidos por nossa natureza interior- O caráter da ação e reação deve ser o mesmo- Pela roda da ação e reação cada alma individual é conduzida de um ponto a outro- O que as escrituras dizem sobre a lei da causalidade- A alma não é criada para a natureza- O ser-testemunha está além da natureza e suas leis- As causas de nossa ação são os motivos internos- Os motivos todos procedem do egoísmo- Na Índia cada vida individual é dividida em quatro períodos- Egoísmo é o resultado da ignorância- Os sábios nunca cometem o erro- Um homem que conhece o segredo do trabalho, trabalha pelo próprio trabalho.

CAPÍTULO VII

Dever ou Motivo no Karma

Atividade da mente e corpo é a condição da vida- A atividade pode ser dividida em três classes- Como a natureza moral desperta em um homem- Não pode haver um padrão absoluto de dever para todos- A vida é dividida em diferentes estágios- Cada estágio tem suas obrigações- O sentido de dever é um tipo de escravidão- O mero cumprimento do dever em si não pode produzir quaisquer bons resultados- Qual é o real dever da vida- O que a Bíblia, Alcorão, e o Zend-Avesta dizem sobre isso- A palavra 'dever' é um termo abstrato- Qualquer ação que nos direcione para Deus é boa- Ser altruísta é nosso único dever- O caminho de elevar-se acima do eu estreito- Os exemplos de Jesus o Cristo e Buddha- O clímax do altruísmo é idêntico ao amor divino- O amor ou sentimento de unidade faz um homem elevar-se acima de todos os deveres- Onde existe verdadeiro amor, existe liberdade- Dever é raramente doce quando não acompanhado por amor- O fim final do dever é liberdade e amor divino- Amor divino e sabedoria levam à consciência de Deus- Tristeza e sofrimento etc. existem onde a ideia de dualidade prevalece- A realização da unidade com Deus é o mais alto objetivo da doutrina do Karma- Ligado pela lei do Karma cada indivíduo está desempenhando seu papel- A vida presente é o resultado de nosso passado e o futuro deve ser o resultado de

nosso presente- A causa é inerente no efeito, e o efeito, na causa- Liberdade absoluta é o propósito final de cada vida humana- Todo trabalho feito através de motivos egoístas é a causa da escravidão- A dívida que devemos ao ser superior pode ser paga realizando nossa verdadeira natureza- Não deveríamos mais trabalhar através do apego aos frutos de nosso trabalho- A única Energia universal está se manifestando através do universo- No momento em que nos realizamos como sendo um com o corpo ou Energia universal nos tornamos livres da escravidão da ignorância- A liberdade é atingida cortando nossa corrente com a cadeia de causa e sequência.

APÊNDICE A

Ilusão

Ilusão não significa não-existência- Significa realidade relativa- Não tem existência permanente- É como uma miragem- É mais como um sonho- Um despertar do estado de sonho significa supraconsciência- A Verdade é a base de tudo- Vemos apenas a aparência da Verdade- Um exemplo de uma mesa e cor- Nossas aparências de qualidades apenas mudam, não a Verdade- Ilusão é um falso conhecimento- É indiscriminação ou consciência indiferenciada- A Verdade está dentro de nós- O melhor conhecimento ou realização ilumina a ilusão- O Espírito nunca está doente- Ilusão é um tipo de problema perplexo- Devemos passar por ela e transcendê-la.

APÊNDICE B

Coração e Mente

O coração refere-se à mente ou sentimento- A mente inclui muitas outras atividades e funções- O coração e a mente não são a mesma coisa de acordo com a filosofia Vedanta- Eles são iguais de acordo com a Ciência Cristã e o Novo Pensamento- O que a psicologia diz- Chamamos o coração de *Chitta*- Impressões são as causas dos desejos futuros- A mente é como um espelho- Impressões não desaparecerão a menos que sejam forçadas a sair- Impressões permanecem na mente subconsciente- Hábito é uma série de impressões- Impressões são obstáculos no caminho da realização- Purificação do coração é necessária- Purificação do coração significa remoção dos *Samskaras* dele- Podemos reduzir o número de desejos pela discriminação ou discernimento.



CAPÍTULO I

LEI DA CAUSALIDADE

Um estudo cuidadoso da natureza revela-nos que os fenômenos do mundo estão ligados juntos na cadeia universal de causa e efeito. Nenhum evento pode ocorrer sem ter uma causa definida por trás dele. Tudo o que nós vemos, ouvimos ou percebemos com nossos sentidos não é senão o efeito de alguma causa, seja ela conhecida ou desconhecida. Rastrear as causas dos eventos e tornar-se familiar com as condições sob as quais um efeito é produzido sempre foram o objetivo dos vários ramos da ciência e da filosofia.

Toda a ciência e todas as filosofias do mundo declaram unanimemente que a lei de causa e efeito é a mais universal de todas as leis. É a única lei que governa todos os fenômenos, por mais grosseiros ou sutis que eles possam ser. Todas as forças da natureza, sejam físicas ou mentais, obedecem a esta lei e nunca podem transcendê-la. Das vibrações dos elétrons à revolução da terra ao redor do sol, da queda de uma maçã no chão ao levantar de um braço pelo poder da vontade, todo evento é o efeito de alguma força invisível trabalhando em harmonia com a lei da causalidade.

Similarmente, toda ação do nosso corpo ou mente é o resultado de alguma força ou poder que é sua causa; mas ao mesmo tempo aquilo que é o efeito de alguma causa torna-se por sua vez a causa de algum resultado mais grosseiro e esse novamente produz algum outro efeito ainda mais grosseiro, e esse novamente um mais sutil, e assim por diante e a cadeia de causa e efeito continua a se espalhar sem parar em qualquer lugar, sem chegar a um fim absoluto. Por exemplo, um assassino atira no Arquiduque Austríaco e conduz uma bala em seu corpo e o Arquiduque morre de envenenamento do sangue. Aqui, atirar é uma ação que é o efeito das atividades mentais e físicas do assassino. Mas a mesma ação é novamente a causa de conduzir a bala ao corpo do Arquiduque; esta é a causa do ferimento, que traz febre e outra desordem orgânica, que resulta em sua morte. A morte do Arquiduque causa que sua esposa se torna uma viúva, o que produz mudanças em sua vida e em toda a sua família. O efeito deste único ato de assassinato não parou aqui. Trouxe a guerra europeia

[Primeira Guerra Mundial] e causou destruição de vida e propriedade de milhões e afetou o mundo todo. É desnecessário descrever os horrores da última guerra³. O Imperador Alemão perdeu seu trono e império. O Czar foi assassinado. As pessoas ainda estão colhendo os efeitos desta guerra que durará por gerações futuras. Além disso, ela repercutiu sobre o assassino, trouxe a ele incalculável sofrimento e morte prematura. Deixou uma impressão em sua mente que ele carregou consigo e talvez seu sofrimento continuará mesmo após sua morte em outra vida.

Assim, podemos ver, como um evento pode ser ambos uma causa e um efeito ao mesmo tempo, e como ele pode afetar o mundo todo produzindo vários tipos de efeitos no plano dos vivos como também no dos mortos. Desta cadeia interminável de causa e efeito nós não podemos nem separar um único elo nem chamá-lo de inútil ou desnecessário. Da mesma maneira, pode ser mostrado que toda ação, por mais mínima ou trivial que possa nos parecer, sendo condicionada pela lei universal da causalidade, produz diferentes efeitos visíveis e invisíveis e afeta o mundo inteiro dos fenômenos direta ou indiretamente. Nenhuma ação pode escapar desta lei, que toda causa deve ser seguida por um efeito, que toda ação está destinada a reagir sobre o ator [da ação] com força e efeito similares.

Esta lei universal da causalidade é chamada em Sânscrito de *lei do Karma*. A palavra Karma está agora quase naturalizada no Inglês. Ela vem da raiz *Kri*, agir e significa ação, ou obra. Qualquer ação, física ou mental é chamada Karma; e como toda ação está destinada a produzir sua reação ou resultado, ela também é Karma. Além disso, secundariamente, como uma ação é tanto uma causa quanto um efeito ao mesmo tempo, a palavra Karma inclui tanto a causa quanto o efeito. Neste sentido universal, movimento, atração, gravitação, repulsão, mover-se, andar, falar, ver, ouvir, pensar, querer e desejar — e não só, todas as ações do corpo, mente e sentidos são todas Karma. Elas produzem resultados sendo governadas pela irresistível lei da causalidade.

Sob o domínio desta onipresente lei do Karma, não há espaço deixado para acaso ou acidente. O que chamamos de *acontecer por acaso* ou *acidentalmente* é na realidade o produto de algumas causas definidas

³ Este livro foi escrito antes da Segunda Guerra Mundial.

que podemos não conhecer ou não podemos rastrear por conta de nosso conhecimento limitado. As causas podem estar nos planos morais ou espirituais, mas nós buscamos apenas no plano físico. Nos tempos antigos quando o alcance das causas conhecidas era extremamente limitado, as pessoas incultas costumavam explicar o evento acidental ou eventos produzidos por causas desconhecidas, atribuindo-os a alguns poderes ou agências sobrenaturais. Mesmo hoje há muitos que acreditam em acidentes. Gradualmente, quando todos os poderes sobrenaturais foram unificados em um Deus pessoal, os efeitos de causas desconhecidas foram chamados de Providenciais. Mas na realidade todos os acidentes têm causas naturais, quer as conheçamos ou não. Aquilo que parece sobrenatural ou da Providência a uma mente não científica, é natural para um cientista ou um filósofo cuja concepção da natureza é maior e mais universal.

Portanto, todos os eventos casuais ou assim chamadas ocorrências acidentais são tão governadas pela lei da causalidade ou Karma quanto qualquer resultado ordinário de alguma causa conhecida.

Os resultados das várias causas da natureza podem ser classificados como *bons*, *maus* e *mistos*. Aquilo que cumpre nosso interesse e é benéfico para nós sob certas condições é chamado bom; e aquilo que nos fere de alguma forma, é chamado mau. Os resultados mistos são aqueles que são parcialmente benéficos ou úteis e parcialmente prejudiciais. Esses três tipos de resultados determinam a natureza das ações ou causas. Se o resultado é bom ou, em outras palavras, se vemos qualquer ação produzindo um efeito que é ou benéfico para si mesmo ou para os seus vizinhos física, moral ou espiritualmente sem ferir nenhuma criatura vivente, mental ou fisicamente ou de qualquer outra maneira, é chamado bom; enquanto que aquela ação é má que destrói o interesse de si mesmo ou dos seus vizinhos e traz sofrimento, tristeza, miséria, para o agente individual ou para outros membros da sociedade. Os resultados mistos são aqueles que servem ao interesse de alguns, trazendo felicidade para um ou muitos, mas ao mesmo tempo produzem mal em alguns outros quadrantes. Em resumo, ações que produzem bem à custa do interesse ou direitos de outros, são chamadas as causas de resultados mistos.

Neste mundo de relatividade dentro das limitações de tempo e espaço, é impossível encontrar qualquer ação que seja absolutamente boa

ou que produza um resultado que não crie discórdia ou desarmonia em qualquer forma ou maneira em qualquer parte do mundo⁴. - As obras são seguidas por seus defeitos e deméritos assim como o fogo é envolto com fumaça. É impossível encontrar qualquer obra produzindo efeito absolutamente mau, sem causar algum tipo de bem em algum lugar. Ordinariamente, ao julgar um resultado quando vemos a preponderância do bem sobre o mal, nós o chamamos de *bom* e onde o mal predomina nós dizemos, que aquela ação é *má, errada* ou *pecaminosa*. Onde quer que haja harmonia perfeita, paz, tranquilidade ou felicidade, há o resultado de atos bons, e onde quer que discórdia, doença, sofrimento, dor, miséria, injúria, infelicidade prevaleçam, lá deve ser encontrada a violação das leis da saúde, da vida assim como das leis morais, conseqüentemente, há o *mal*.



“Deus nunca recompensa o virtuoso nem pune o perverso.”

-Bhagavad Gita, Cap. V, 15.

CAPÍTULO II

LEI DA AÇÃO E REAÇÃO

A lei da causalidade ou do *Karma* inclui a lei de que o semelhante produz o semelhante, ou que toda ação deve ser seguida por uma reação de natureza similar. Se eu desferir um golpe na mesa, a mesa reagirá sobre mim com força similar. Se eu golpear mais forte, receberei um golpe mais forte em retorno. Assim como no plano físico, também no plano mental mais sutil, todas as ações mentais produzem reações similares. *Motivos, desejos, pensamentos e outras funções mentais, sendo sujeitas à mesma lei,*

⁴ Bhagavad Gita, Cap. XVIII, 48.

produzem resultados bons, maus ou mistos de acordo com a natureza dessas atividades mentais. Como todas as atividades mentais determinam o caráter do ego individual, ou do agente da ação, podemos facilmente classificar os agentes fazedores das ações como bons, maus ou mistos.

O caráter de um indivíduo está assim sujeito à lei do Karma porque, ele é o agregado de um grande número de atividades minúsculas da substância mental às quais damos diferentes nomes tais como desejos, tendências, pensamentos, ideias e impressões; cada uma das quais é governada pela lei de ação e reação. Cada caráter ou personalidade é o grande total resultado de ações mentais prévias, e é também a causa de mudanças futuras no caráter.

Na cadeia de causa e efeito, pode ser mostrado que cada efeito está latente na causa e cada causa está latente no efeito, e aplicando a mesma lei podemos entender que cada forma de caráter é em si mesma uma causa assim como um efeito. A lei do Karma inculca esta grande verdade da natureza, que a causa jaz no efeito e o efeito também está latente na causa. Por exemplo, uma semente contém a árvore inteira potencialmente e produz a árvore, e a árvore produz a semente novamente. Com a ajuda desta grande verdade podemos facilmente explicar por que um caráter é bom ou mau, ou por que um indivíduo se comporta desta forma ou daquela, ou por que um sofre e é miserável, enquanto outro desfruta sua vida e é feliz.

Nós não temos que culpar nossos pais por nossa miséria e sofrimentos. É nosso próprio Karma que produz seus resultados na forma de alegria ou tristeza, prazer ou dor, felicidade ou infelicidade. É compensação. Tudo que possuímos nesta vida, é o efeito do nosso Karma ou ação prévia, tanto mental quanto física. Nosso caráter presente é o resultante do nosso passado e nosso futuro será determinado pelos nossos atos presentes. Nem Deus nem Satanás são responsáveis pelos nossos prazeres e dores, felicidade e sofrimento. Assim, todas as desigualdades e diversidades de caracteres podem ser explicadas cientificamente por esta lei do Karma.

Diante desta lei universal do Karma, não há espaço para a hipótese de predestinação e graça que é aceita pela maioria dos cristãos ortodoxos. A hipótese de predestinação e graça ensina que Deus, o Criador de tudo, estabelece o destino do homem antes de seu nascimento. Ele predestina antes do nascimento de cada homem e mulher o que ele ou ela será no

futuro. O capricho do Criador faz um pecador ou virtuoso, antes do momento do nascimento de alguém. Mas esta hipótese destrói nossa responsabilidade moral e liberdade pessoal. Se nós somos todos predestinados por Deus a ser pecadores ou virtuosos, a ser felizes ou infelizes, nós não podemos nem desfazer nosso destino nem agir contra o decreto Divino. Isso nos faz autômatos absolutos amarrados pelos pés e mãos pela corrente da escravidão. Além disso, isso faz Deus parcial e injusto. Por que Ele deveria fazer uma criatura inocente destinada a sofrer e outra a desfrutar? Por que é que um obtém Sua graça antes do nascimento e outro não? Se um pecador está destinado a pecar mesmo antes de seu nascimento, por que ele deveria ser responsável por suas obras, e por que ele deveria sofrer pelo capricho do Criador onisciente e todo-poderoso? Se Deus é misericordioso com todas as Suas criaturas por que Ele não faz todos igualmente bons e virtuosos, morais e espirituais? Estas questões permanecem sem resposta pela teoria da predestinação e graça.

Mas elas não surgem na doutrina do Karma. Se pudermos entender uma vez que cada alma individual colhe os resultados de seus próprios atos e ações anteriores, então nunca poderemos advogar a teoria da predestinação e graça. Todo efeito é medido por sua causa.

Um crente na lei do Karma é um agente livre e é responsável por todos os resultados bons e maus de suas próprias ações que acompanham sua vida. Ele sabe que cria seu próprio destino, e molda seu caráter por seus pensamentos e ações. Ele nunca culpa outrem pelo sofrimento e miséria que vêm a ele. Ele aprende pela experiência as verdadeiras causas dos eventos e removendo o mal ou maléfico, ele executa tais ações que produzem bem para todos assim como para si mesmo.

Aquele que obedece à lei do Karma é mais moral e mais virtuoso do que aquele que obedece cegamente aos Dez Mandamentos. Ele se encontra em um terreno mais racional do que aquele que teme a punição de Deus. Ele se recusa a fazer qualquer coisa errada, não porque está escrito em um livro ou escritura, mas porque ele sabe que toda ação errada cedo ou tarde reagirá sobre si mesmo e o fará infeliz e miserável. Ele executa boas ações pela razão de que elas trarão boa reação na forma de felicidade, paz, tranquilidade e maior iluminação. O que nós chamamos de recompensas ou punições de Deus não são nada além das reações de nossas próprias

ações mentais e físicas. A doutrina do Karma nega o Governante arbitrário e ensina que Deus nunca recompensa o virtuoso nem pune o perverso⁵.



“As ações não Me ligam, nem tenho qualquer desejo pelo resultado da ação. Quem quer que Me conheça assim não é acorrentado pela ação.”

-Bhagavad Gita, Cap. IV, 14

CAPÍTULO III

LEI DA COMPENSAÇÃO

A doutrina do *Karma* inclui a *lei da compensação* e a *lei da retribuição*. Estas são as verdades fundamentais da natureza. Assim como todo efeito deve ter uma causa, toda consequência deve ter um antecedente, assim também deve haver equilíbrio igual entre uma causa e seu efeito, entre um antecedente e uma consequência. Uma causa deve sempre produzir um efeito de natureza similar tanto em qualidade quanto em quantidade e uma reação deve ser similar à ação. As forças da natureza não operam nem para o ganho nem para a perda, mas para um equilíbrio ou harmonia perfeitos. Se houver uma elevação de uma onda alta no oceano, deve haver um vale profundo em seus lados. Se houver um fluxo de águas aqui, deve haver um refluxo em algum lugar. Se houver tremendo calor em um lugar, o frio extremo será encontrado em outro lugar. Quando é dia aqui é noite na América. Uma longa paz é seguida por uma longa guerra, e vice-versa. Desta maneira, podemos mostrar que a polaridade existe em cada

⁵ Bhagavad Gita. Cap. v. 15.

departamento da natureza e traz no final um equilíbrio perfeito, equilíbrio, harmonia e justiça; em resumo, ela produz o que entendemos pela palavra *compensação*. A *lei da compensação* é tão irresistível quanto a *lei da causalidade* e tão implacável quanto a *lei da ação e reação*. De fato, estas três assim como a *lei da retribuição* trabalham juntas. Elas representam meramente as diferentes fases do propósito da natureza em produzir fenômenos diversos, cada um se opondo ao outro.

Tomemos por exemplo que H^2O produz água. H^2O é a causa, o antecedente, e água é o efeito, a consequência. É também a reação e compensação perfeita. Não há nem aumento nem diminuição em qualquer lugar. Uma molécula de água contém dois átomos de Hidrogênio e um átomo de Oxigênio, nada mais nem menos. Similarmente, o calor não é apenas o efeito e reação, mas compensação pelo combustível que o produz, nada mais nem menos. Assim, a eletricidade é a compensação por aquela energia que foi transformada nela. A eletricidade paga pela energia e a energia paga por ela; não há nem dívida nem lucro em qualquer lugar, mas equilíbrio perfeito.

Assim como na natureza física toda força trabalha para compensação, assim também nos planos mental, intelectual, moral e espiritual a mesma *lei da compensação* está se manifestando com igual regularidade. Não pode haver barganha no reino da natureza. O que você deseja obter, você tem que pagar por isso primeiro, em pensamento, palavra e ação. Algo não pode ser obtido do nada. Em nossa vida diária quando buscamos por uma barganha seja comprando ou vendendo, nos esquecemos desta lei e cometemos muitos erros e sofremos ou nos arrependemos no final. Um homem vai comprar uma gravata, mas volta para casa com um refrigerador. Ele pensa que conseguiu uma barganha. Mas ele não sabe que ele pagou exatamente o que vale, nem mais nem menos.

A *Lei da compensação* existe não apenas para a matéria e força inscientes, mas ela também governa os seres sencientes e almas inteligentes. Tudo o que sofremos fisicamente ou mentalmente pode parecer injusto, pode nos fazer sentir que não merecemos, mas quando rastreamos sua causa e comparamos com ela, encontramos que é perfeitamente correto e uma compensação justa. Quando desconectamos uma dor de cabeça da dissipação ou indulgência de uma noite anterior, ela

parece estar errada, mas conectada com seu antecedente é justamente correto e nós a merecemos. Não podemos julgar uma coisa corretamente se não conectarmos os efeitos com seus antecedentes. As causas determinam a natureza do efeito, os antecedentes suas consequências. Se a causa for má, os efeitos trarão um mau retorno. Nenhum homem pode desafiar esta *lei da compensação*.

Mas os processos desta lei em conexão com os assuntos de nossas vidas são extremamente intrincados e eles geralmente envolvem um ciclo de começo, crescimento e maturidade. Este ciclo pode levar um período curto ou longo de tempo para se completar. Um homem pode colher o resultado da compensação por suas obras seja nesta vida ou após a morte em outra encarnação, assim como agora nós estamos colhendo os resultados das ações de nossas vidas prévias. Se negarmos a pré-existência e reencarnação da alma e admitirmos que o nascimento físico é o começo de nossa vida e com a morte tudo termina, então a cadeia de causa e sequência seria quebrada abruptamente e o processo de compensação seria interrompido inesperadamente pela morte. Então, não haveria compensação para os perversos que cometem crimes e aparentemente desfrutam de todas as bênçãos da vida; nem para os virtuosos que executam boas obras altruístas e não obtêm qualquer retorno durante sua vida.

Enquanto olharmos para nossas vidas individuais como eventos isolados começando com o nascimento do corpo e terminando com sua morte, não encontraremos explicação correta de coisa alguma, mas veremos injustiça e erro a cada passo. Mas quando conectamos nossas vidas presentes com nosso passado, e nosso futuro, e estando sobre a ampla plataforma da vida eterna que é, vida passada e futura, se olharmos para nosso presente veremos justiça e compensação a cada passo. Nosso presente é o resultante do nosso passado, e nosso futuro será o resultante de nossos pensamentos e ações presentes. Suponha que nossa vida começa cada manhã e dura vinte e quatro horas. Se desconectarmos a vida de hoje do passado de ontem e do futuro de amanhã, e julgarmos cada dia por seus resultados, encontraremos compensação muito pobre por nosso trabalho diário. Além disso, parecerá terrivelmente injusto ter nossa vida caindo em um dia chuvoso e sombrio com muitos acidentes e experiências desagradáveis, e outra no dia seguinte que é brilhante, ensolarado com

muitas experiências agradáveis e felizes. Seremos capazes de explicar cada um desses fragmentos de vida completos em si mesmos? Não. Assim como nossa vida na terra consiste de uma série de tais vidas diárias, assim nossa vida eterna da alma consiste de muitos períodos de vidas terrestres. A vida terrestre quando comparada com a vida eterna da alma parecerá ser um mero fragmento tão pequeno quanto uma vida terminando em vinte e quatro horas. A compensação pelo sofrimento físico aparente e miséria de um homem bom e virtuoso ou mulher durante sua carreira terrestre é para ser encontrada na vida da alma.

Os golpes no corpo pela *lei da compensação* elevarão a alma de uma pessoa verdadeiramente espiritual acima do nível dos mortais comuns e tal alma eventualmente comandará respeito e honra de todas as nações em tempos vindouros. Inversamente, os perversos e desonestos que aparentemente desfrutam prosperidade o fazem à custa de sua vida espiritual e a compensação será encontrada em sua vida da alma. A *lei da compensação* cobre toda a cadeia de nossas vidas individuais. Quanto mais ampla a base de cálculo houver, mais perfeita é a compensação. Portanto, se nós desejamos ver um equilíbrio perfeito de causas e efeitos, de ações e reações, devemos tomar a visão mais ampla da vida da alma e calculando desse ponto de vista nós encontraremos solução satisfatória de todos os problemas perplexos e assuntos mais complicados da vida humana.



“Um homem sábio circula entre os objetos dos sentidos, livre de amor e ódio, mantendo o estado de mente tranquila absolutamente controlado por seu Verdadeiro Ser.”

-Bhagavad Gita, IV. 14

CAPÍTULO IV

LEI DA RETRIBUIÇÃO

Assim como todo ato bom traz sua própria recompensa pela *lei da compensação*, assim todo crime ou ato errado traz sua própria punição pela *lei da retribuição*, quer ocorra nesta vida ou na próxima. Quando um ladrão rouba outro, ele rouba a si mesmo primeiro. Aquele que engana outro está na realidade enganando a si mesmo. Ninguém pode fazer o mal sem sofrer o efeito maléfico no final. O ato perverso e seu resultado ou reação que chamamos de punição crescem no mesmo caule. O primeiro é como a flor e o último é o fruto.

A lei da retribuição é a necessidade inexorável na natureza. Toda ação reage e traz sua própria recompensa ou punição, primeiro na natureza interior ou alma, e depois nas circunstâncias externas na forma de ganho ou perda, prosperidade ou adversidade, saúde ou doença. A alma percebe a retribuição causal, mas as pessoas chamam a mudança das circunstâncias externas de retribuição que vem depois de algum tempo. *Esta lei se manifesta na alma muito antes que as mudanças externas apareçam.* Temos que pagar a penalidade por fazer o mal, mas não pelas boas ações. Virtude, sabedoria, verdade e amor são bens reais; eles procedem de Deus e, portanto, ninguém paga penalidade por praticá-los. Eles são qualidades espirituais; quanto mais os praticamos, mais eles aumentam. *Aquele que busca o bem material deve pagar impostos, mas não há imposto sobre o bem espiritual.*

A lei do *Karma* ensina que os virtuosos se recompensam e os pecadores se punem por seus próprios pensamentos e ações. Emerson diz: “Cada ação se recompensa primeiro em nossa própria alma depois nas circunstâncias. As pessoas chamam a circunstância de retribuição.”

São Bernardo disse: “Nada pode me causar dano exceto eu mesmo; o dano que eu sustento, eu carrego comigo e nunca sou um sofredor real senão por minha própria culpa.” É por esta razão que os hindus, embora não acreditem na doutrina do fogo do inferno e não temam a punição de Deus, ainda assim hesitam em cometer ações perversas e lutam muito para viver vidas virtuosas simplesmente temendo a lei eterna do *Karma*. Os budistas, que não acreditam em um Deus pessoal e que negam a existência da entidade permanente da alma, fundaram sua ética e religião sobre esta lei universal do Karma, ou de causa e sequência.

A doutrina do Karma é o princípio fundamental da filosofia e religião da Vedanta. Mas há uma diferença entre a interpretação budhista e vedântica desta doutrina. Os budhistas negam a existência de uma entidade alma como agente, executor dos atos, pensador, usufruidor [que desfruta dos resultados das ações] ou sofredor. Eles dizem que não há dualidade de um agente e suas ações, um pensador e seus pensamentos, um usufruidor e usufrutos. As palavras agente, pensador, usufruidor, sofredor são meros modos de falar. As realidades de nossa vida da alma, de acordo com o Budhismo, consistem em ações, pensamentos, sofrimentos, usufrutos e aspirações. Estas ações são chamadas *Karma*, delas um homem é feito, mas ele não tem uma alma permanente. Estes *Karmas* constituem a personalidade de alguém que é preservada além da morte. Os budhistas sustentam que o olho vê, o ouvido ouve, e os pensamentos pensam, que todas as ações mentais e físicas de um indivíduo produzem *Sanskaras* ou formas sutis tais como formas-de-ação, formas-de-pensamento etc., que continuam a existir mesmo após sua morte e reproduzem ações similares através de outro corpo no futuro, sendo guiadas pela *lei da causalidade* (Karma). A Vedanta, ao contrário, admite a existência de uma entidade alma. O mesmo ser inteligente e consciente é chamado agente, pensador, usufruidor ou sofredor. Não há nem inteligência nem consciência na natureza das ações físicas ou mentais. Como ações elas são inscientes. A Vedanta refuta a interpretação budhista apontando sua falácia de que se não houver uma entidade alma permanente, o agente de uma ação ou o semeador de uma semente não será o colhedor de seu fruto [resultado de sua ação]. Se não houver identidade do agente e do colhedor, haveria uma grande confusão no mundo das ações. Seria como uma pessoa comer a comida e outra obter o efeito e não o comedor, o que é perfeitamente absurdo. Além disso, seria contra a 'lei da ação e reação' que ensina que toda reação volta para a fonte de onde a ação começou ou procedeu. Caso contrário, um pecador após cometer atos pecaminosos colheria o resultado das ações virtuosas de outro homem. Não há nada para prevenir esta anomalia. Portanto, a Vedanta diz que a *lei do Karma* necessita da identidade do pensador ou agente e usufruidor ou sofredor. Como esta cadeia de Karma é sem início e sem fim a entidade alma que é a fonte de todos os pensamentos e ações é, portanto, sem início e sem fim. Ela existiu antes do atual nascimento. Os resultados

das ações anteriores, cada alma individual está colhendo agora e ao mesmo tempo semeando as sementes de resultados futuros ao realizar ações boas e ruins.

O Karma que está armazenado é chamado *Samchita*. *Prārabdha Karma* é aquele que tem sido a causa do atual nascimento, corpo e caráter. *Kriyamāna Karma* é o karma que estamos semeando agora; e *Agāmi Karma* são ações futuras. A mesma ideia foi transmitida por São Paulo quando ele escreveu no Capítulo 6 de sua epístola aos Gálatas, (versículo 7): ‘O que o homem semear, isso também colherá.’ ‘E não nos cansemos de fazer o bem; porque a seu tempo colheremos, se não desfalecermos’ (versículo 9). Talvez, Cristo também se referiu à lei do Karma quando ele respondeu à questão de seus discípulos: ‘Quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?’ Jesus respondeu: ‘Nem este homem pecou nem seus pais.’ Claro que um homem que nasceu cego não poderia pecar naquela encarnação e quando não era o resultado do pecado de seus pais, onde estava a causa de sua cegueira? A hereditariedade não pode explicá-la. Os teólogos dizem que foi a vontade de Deus porque eles acreditam na teoria da predestinação que, como já disse, torna Deus parcial e injusto. A única explicação racional que pode ser encontrada é através da doutrina do Karma, isto é, as ações anteriores do mesmo homem foram a causa de sua cegueira. Aplicando a lei do Karma, a Vedanta explicará que ele estava colhendo o resultado de sua ação maléfica que fez em sua encarnação anterior. Não pode haver qualquer outra explicação satisfatória e científica de tais casos.

Assim, se a *lei do Karma* é tão universal a ponto de governar todos os fenômenos do mundo, bem como nossos pensamentos e ações, se ela é tão inexorável a ponto de fazer cada alma individual colher os resultados de suas ações seja nesta vida ou na próxima, e se for verdade que toda reação, sendo similar na natureza à própria ação, está destinada a retornar ao centro da ação ou, em outras palavras, a reagir sobre o ator, tornando-o feliz ou miserável, **quão importante é para cada um de nós lembrar desta lei a cada momento de nossa vida; e quão necessário é para cada um de nós ser extremamente cauteloso ao realizar os deveres da vida diária, para que não semeemos as sementes que produzirão frutos desagradáveis e que nos tornarão infelizes e miseráveis, seja nesta vida ou depois.**

Apenas a doutrina do Karma pode explicar o problema misterioso do bem e do mal e reconciliar o homem com a terrível e aparente injustiça da vida. Aqueles que acreditam nesta nobre doutrina nunca são perturbados em suas mentes diante das desigualdades de nascimento e fortuna, ou de intelecto e capacidades ao seu redor. O conhecimento desta verdade universal os impede de amaldiçoar a vida ou os seres humanos, ou de culpar seu suposto Criador quando veem tolos e degenerados sendo honrados na sociedade, quando encontram seus vizinhos, não possuindo nem intelecto nem qualquer das nobres virtudes, sendo prósperos e desfrutando de todos os confortos e prazeres da vida devido aos seus nascimentos em famílias ricas. *A doutrina do Karma* nos conta a razão pela qual as pessoas sofrem, embora possam não ter feito nada de errado nesta vida, embora aparentemente não pareçam merecer qualquer tipo de sofrimento. É a *lei da compensação*. A lei do Karma, eterna como é, não predestina nada e ninguém; mas, ao contrário, tornando cada um o agente livre para a ação, mostra o caminho para fora do mundo de miséria, através de bons pensamentos e boas ações. *Karma* não cria nada, nem planeja ou projeta nada. *Nós criamos por nossas ações as causas do bem e do mal e recebemos recompensa ou punição como as reações de nossos pensamentos e ações pela lei da compensação*. As classes pobres e sofredoras não encontrarão consolo em nenhum outro lugar, exceto nesta única *doutrina do Karma*. É por esta razão que há tanto contentamento entre o povo empobrecido da Índia, que mal consegue ganhar o suficiente para manter seu corpo e alma juntos. Se esta nobre doutrina fosse pregada entre os inúmeros descontentes e miseráveis na Cristandade, eles encontrariam um raio de esperança para seu futuro, eles tentariam viver vidas melhores, eles seriam mais morais, mais virtuosos e mais espirituais do que são hoje. Eles seriam capazes de suportar o fardo da miséria sobre seus ombros com mais calma, com mais paciência, contentamento e paz.



“Até mesmo os homens sábios são iludidos neste ponto, sobre o que é ação e o que é inação. Eu te contarei a Filosofia do trabalho, conhecendo a qual tu atingirás a liberdade absoluta de todas as imperfeições.”

-Bhagavad Gita, Cap. IV, 16.

CAPÍTULO V

FILOSOFIA DO KARMA

Aqueles que compreendem a filosofia do *Karma* e agem de acordo, são puros de coração e entram na vida da Bem-aventurança.

Em Sânscrito esta filosofia do trabalho é chamada *Karma Yoga*. É um dos métodos pelos quais o objetivo final da Verdade pode ser realizado. Há três outros: o do amor, o da sabedoria, e o da concentração e meditação; mas todos estes caminhos são como tantos rios que finalmente fluem para o oceano da Verdade, e cada um é adequado às condições mentais e físicas de diferentes indivíduos. Aquele em quem o sentimento de adoração é predominante naturalmente escolherá o *caminho do amor e devoção*; outro, mais filosófico, tomará o da *discriminação* [ou discernimento]; um terceiro preferirá a prática da *concentração e meditação*; enquanto aqueles que têm uma tendência instintiva para o trabalho, que não são nem filosóficos nem capazes de se concentrar ou meditar, e que acham difícil acreditar em um Deus pessoal, podem, sem adoração ou devoção, alcançar a realização através do conhecimento do *segredo da ação correta*.

Karma Yoga significa literalmente ‘habilidade ou destreza na ação’, e ela lida com toda a atividade, seja do corpo ou da mente. Reconhecendo que a atividade é uma condição inevitável da vida, que nenhum ser humano pode viver sem realizar algum tipo de trabalho ou ação, seja mental ou físico, ela busca através de seu ensino mostrar como esta constante saída de energia pode ser utilizada para adquirir a maior iluminação espiritual e atingir a perfeição e a liberdade absoluta. Isto pode ser realizado, como nos é dito no quarto capítulo do *Bhagavad Gita*, vendo em meio da atividade aquilo que está além de toda ação. “Aquele que vê atividade na inação, bem como aquilo que está acima de toda ação no meio

das atividades da mente, corpo e sentidos, é sábio entre a humanidade, é um verdadeiro *Karma Yogi*, e um executor perfeito de todas as ações.”⁶

Ordinariamente, nós nos identificamos com o trabalho que estamos fazendo, e sendo impulsionados pela necessidade implacável de agir, nos tornamos como máquinas, labutando sem cessar até que finalmente nos cansamos, nos desencorajamos e nos tornamos infelizes. Quando, no entanto, percebemos que há dentro de nós algo que transcende toda atividade, que é imutável, inamovível e eternamente em repouso, então realizamos nossas tarefas diárias sem desencorajamento ou perda de força, porque aprendemos a filosofia do trabalho.

Existem cinco condições necessárias para a realização de todo trabalho mental ou físico. Primeiro, devemos ter um corpo físico, porque é o armazém de energia. Se estivermos sem um corpo, não podemos fazer nada no plano físico. Este corpo, além disso, deve estar em boas condições. Se houver doença de qualquer tipo, ele não está apto para o trabalho correto. Em segundo lugar, deve estar presente o senso do Ego como o executor ou ator. Devemos estar conscientes do ‘eu’ que sente o impulso para trabalhar e agir e procede para seguir esse impulso. Terceiro, devemos ter os instrumentos com os quais trabalhar; estes são muitos: existem os órgãos dos sentidos - os olhos, ouvidos, nariz, língua e sentido do tato; os cinco instrumentos de trabalho físico - as mãos, pés, etc.; e o **instrumento interno**, o cérebro ou substância mental, com todas as suas faculdades - o poder de vontade, cogitação, determinação, memória. Quarto, devemos ter o desejo ou motivo para trabalhar; e quinto, deve haver algum tipo de ambiente. Sem este último, sentidos, instrumentos externos e cérebro nos serviriam de pouco. Para ouvir um som com nossos ouvidos, devemos ter o ar; para ver, deve haver luz e um meio para transmitir suas ondas; enquanto o corpo não pode se mover sem espaço. Estas cinco condições são essenciais para todo tipo de trabalho, seja bom ou mau; e na prática do *Karma Yoga* devemos estar perpetuamente atentos a elas, nunca confundindo uma com a outra, mas mantendo sempre diante de nós o corpo, seus instrumentos e o conhecedor ou ator autoconsciente como distintos uns dos outros.

⁶ Bhagavad Gita, Cap. IV, 18.

Os resultados das ações realizadas sob estas cinco condições são de três tipos: aqueles que são desejáveis porque nos ajudam a cumprir nossos objetivos na vida e nos trazem conforto e prazer; segundo, aqueles que não são desejáveis; e terceiro, aqueles que são parcialmente desejáveis e parcialmente indesejáveis. Não é possível escapar de algum destes resultados a cada momento de nossa existência; uma vez que, como já foi dito, **a atividade de nosso organismo nunca cessa**. Praticamente falando, não pode haver repouso absoluto do corpo ou da mente. Mesmo quando o corpo parece em repouso, a substância mental continua em um estado de vibração; e quando aqui, toda atividade consciente aparentemente para, como no caso do sono profundo, a atividade subconsciente ainda continua nas ações orgânicas do sistema, tais como a ação cerebral inconsciente, digestão, respiração, circulação; pois estamos aprendendo através das investigações da ciência que a mente inconsciente se estende sobre uma área muito maior do que a mente consciente; também que toda atividade consciente primeiro surge lá. Cada uma destas atividades da mente, além disso, está destinada a produzir algum tipo de resultado.

Se, portanto, a atividade é inevitável e cada ação deve produzir seu resultado, o que podemos fazer com que todos esses resultados harmonizem com o mais alto ideal da vida? Procurando por aquilo que, no meio de nossas variadas atividades da mente e do corpo, permanece sempre inativo. Quando tivermos encontrado *isso* e reconhecido, teremos entendido o propósito da filosofia do trabalho, e podemos fazer com que cada esforço nosso nos leve à meta final de toda religião, à realização da Verdade, e à conquista da Bem-aventurança. Se não pudermos fazer isso, seremos forçados a continuar colhendo o fruto de nossas ações e continuar no sofrimento e miséria que agora suportamos. Ao praticar os ensinamentos da filosofia do trabalho, por outro lado, não apenas traremos liberdade para a alma, mas nos elevaremos acima de toda lei e viveremos em um plano acima do movimento. Do mais minúsculo átomo até a forma material mais grosseira, há movimento constante. Em nenhum lugar há repouso. Uma coisa, no entanto, não se move; uma coisa está em repouso, e o *Karma Yoga* explica o que é isso, como podemos realizá-lo e nos tornar um com ele.

Esse algo que está além de toda atividade é chamado em Sânscrito de *Ātman*. É o Conhecedor em nós. Se usarmos um discernimento mais

elevado e tentarmos entender a natureza do Conhecedor, observando nossos processos internos enquanto estamos fazendo qualquer coisa, descobriremos que o Conhecedor é constante. O leitor sabe que está sentado e também que está lendo. Em outras palavras, ele distingue dois objetos distintos de conhecimento; mas a consciência com a qual ele os percebe permanece a mesma. Da mesma maneira, o Conhecedor de todas estas diferentes atividades da mente e do corpo é sempre idêntico. Quando ouvimos um som, sabemos que ouvimos; quando vemos uma luz, sabemos que vemos; mas o conhecedor da visão é diferente do conhecedor do som? Não. Aquilo que conhece o objeto da visão ou o objeto do som é sempre o mesmo; não muda. Era o mesmo há dez anos atrás e será o mesmo amanhã. O Conhecedor de todas as experiências de nossa infância é exatamente o mesmo que aquele que sabe o que estamos fazendo agora. Se estudarmos e realizarmos isso, descobriremos que o Conhecedor é imutável e não está limitado pelas condições que governam o mutável. Se fosse o contrário, e se o mutável e o imutável estivessem sujeitos às mesmas condições, não apenas seria contrário à ordem estabelecida das coisas, mas causaria grande confusão, uma vez que não haveria como diferenciar o mutável do imutável.

Aquilo que está sujeito ao tempo, espaço e causalidade é mutável; enquanto aquilo que está além destes é imutável. O tempo, por exemplo, significa *sucessão*, que é uma condição do pensamento; e o espaço significa *coexistência*. As atividades da mente, sendo em sucessão ou simultâneas, produzem as ideias de tempo e espaço; elas são condições, ou, como Kant as chama, 'formas do pensamento'. Um pensamento seguindo outro nos dá uma concepção de intervalos que chamamos de *tempo*; enquanto, quando duas ideias surgem simultaneamente, aquilo que as separa é o que chamamos de *espaço*. Assim, aquilo que existe entre a ideia 'eu' e a ideia 'sol' classificamos como espaço; ainda assim, é um conceito puramente mental, não tendo existência fora da mente; pois quem conhece alguma coisa concreta designada espaço? Portanto, uma vez que estas ideias de tempo e espaço são meramente condições do pensamento, elas devem estar sujeitas à mudança, porque nosso pensamento está continuamente mudando. Qualquer coisa que tome forma na mente e seja condicionada pelo tempo e espaço deve mudar; mas o Conhecedor, não sendo uma condição da mente ou limitado pelo tempo e espaço, não muda. Um certo

pensamento surge em nossas mentes e passa, então outro toma seu lugar, para ser seguido novamente por ainda outro; ainda assim, a testemunha ou Conhecedor de todos estes pensamentos, seja de objetos grosseiros ou de ideias abstratas, permanece o mesmo. O Conhecedor, quando identificado com as mudanças da mente, torna-se conhecedor e pensador. Pensar é uma atividade da substância mental; é uma condição vibratória desta substância; e quando o Conhecedor toma sobre si mesma essa condição, torna-se conhecedor e pensador. Quando ele se identifica com os poderes sensoriais e as percepções sensoriais, torna-se conhecedor e aquele que percebe; e ele se torna o movimentador consciente ou o homem físico quando está unido com as condições e atividades do corpo.

Desta forma, se analisarmos nossas atividades mentais e estudarmos a natureza do Conhecedor, descobrimos que ele é a **fonte permanente de inteligência**, acima da mente e além do pensamento, que na realidade não é nem pensador nem ator. O *Ātman* ou Conhecedor não pode ter nem desejos nem paixões, pois estes são condições puramente mentais. Quando o Conhecedor se identifica com qualquer atividade mental, sentimos, é verdade, que temos desejos e paixões, mas na realidade somos apenas o Conhecedor do desejo. Quando estamos com raiva, a mente é colocada em um certo estado de vibração que é desagradável. No início, percebemos que a raiva está surgindo em nós; então, gradualmente, à medida que ganha força, ela cobre todo o plano mental e reflete no Conhecedor. Desprovidos do poder de nos separarmos da condição mental, nos tornamos identificados com a onda de raiva e dizemos: 'Estou com raiva.' No início, vemos a raiva como um estado da mente, mas aos poucos ela se torna inseparável do Conhecedor em nós até que finalmente nos imaginamos um com ela. Desta maneira, quando o Conhecedor vem a se identificar com as condições da mente, dos órgãos de trabalho e do corpo, *parecemos* ser executores e buscamos os resultados de nosso trabalho.

Quando estamos identificados com o corpo, sentimos sensações agradáveis e desagradáveis no corpo. Mudanças ambientais produzem certos efeitos em nosso sistema e imaginamos que somos um com esses efeitos, e que eles nos causam dor e sofrimento; mas na realidade essas mudanças não afetam o Conhecedor da sensação. Se, por exemplo, o clima muda, haverá uma mudança correspondente no organismo físico; ainda assim, se pudermos nos separar do corpo, ele pode experimentar tal

mudança sem que a sintamos. Se pudermos aprender esta lição de dissociar o Conhecedor de todas as mudanças do corpo e da mente, e nunca confundir nossas condições mentais e físicas com o Ser imutável dentro de nós, teremos dado um grande passo em direção à realização do ideal da filosofia do trabalho.

Para realizar qualquer trabalho, devem estar presentes o conhecimento, o objeto do conhecimento e o Conhecedor. Por exemplo, antes que possamos ir de um lugar para outro, devemos estar conscientes do ato de ir; tal conhecimento é indispensável, e o objeto do conhecimento - isto é, para onde estamos indo - é igualmente necessário, enquanto nenhum dos dois pode existir sem o Conhecedor. O conhecimento, por sua vez, é de três tipos. Primeiro, o conhecimento da coisa ou do objeto sensorial, não como ele é na realidade, mas como nos aparece. Temos os cinco objetos de conhecimento: som, cor, odor, sabor e tato. Estes podemos perceber com nossos cinco sentidos e através desses canais adquirimos este primeiro estágio de conhecimento. Aprendemos que as coisas existem ao nosso redor, mas tal conhecimento sendo limitado, não chegamos a um entendimento dessas coisas como elas realmente são. Dizemos normalmente, por exemplo, que ouvimos um som ou vemos uma cor, localizando o som e a cor fora de nós. Se, no entanto, analisarmos a natureza do som ou da cor, descobrimos que o som nada mais é do que vibração do ar carregada pelos nervos auditivos até o cérebro, onde percebemos a sensação, que quando projetada para fora, se torna som externo. Da mesma forma, pode ser mostrado que a cor que vemos não está no objeto ou nos raios luminosos que emanam do objeto, mas é causada por ondas de éter em um certo grau de vibração. Esse éter vibrante, entrando em contato com a retina e o nervo óptico, produz um tipo de estimulação nervosa que resulta na sensação de cor no cérebro. Ao projetar essas sensações para fora de nossos corpos, as localizamos em objetos distantes e então dizemos que vemos esta ou aquela cor.

Além disso, se estamos indo para algum lugar, podemos pensar que estamos caminhando em direção ao norte a uma velocidade de duas milhas por hora; mas nosso conhecimento desse fato é apenas relativamente correto, pois para estimar nossa velocidade com precisão, devemos conhecer todas as condições que afetam nossa caminhada. Como podemos dizer que estamos nos movendo para o norte a uma velocidade de duas

milhas por hora, quando sabemos que a Terra está girando sobre seu eixo de oeste para leste a uma taxa de vinte e cinco mil milhas em vinte e quatro horas, ou mais de mil milhas por hora? Além disso, ela está girando em torno do sol a uma taxa de dezoito milhas por segundo, ou sessenta e quatro mil e oitocentas milhas por hora; enquanto o sol e todo o sistema planetário estão viajando com uma tremenda velocidade em um grande movimento espiral de longo alcance em torno de algum outro centro. Sendo esses os fatos, quão imperfeito é o conhecimento que nos faz pensar que estamos nos movendo em direção ao norte. Na realidade, não há nem norte nem sul. Do nosso ponto de vista, podemos parecer estar caminhando a uma taxa de duas milhas por hora, mas nossa velocidade será aumentada mil vezes em outra direção quando levarmos em consideração o movimento diurno da Terra e sua revolução anual em torno do sol. Além disso, pode ser mostrado que, do ponto de vista do universo, não estamos nos movendo de forma alguma. Uma vez que o universo inteiro é na realidade uma unidade, para onde ele se moveria? Ele não pode se mover para lugar nenhum. Portanto, como parte dele, não estamos nos movendo e não podemos ir a lugar algum.

Assim, por meio de uma análise adequada, fomos levados do primeiro para o segundo tipo de conhecimento - do conhecimento limitado das condições sob as quais o corpo parece estar se movendo, para o conhecimento superior das condições como elas realmente são, e não como elas meramente parecem ser. A partir disso, podemos passar para o terceiro ou mais alto tipo de conhecimento, que nos revela a unidade da existência. Com a ajuda deste conhecimento, aprendemos a olhar para as coisas do ponto de vista de uma Realidade absoluta que é o Conhecedor eterno do universo. No momento em que pensamos que nosso corpo é uma parte do corpo universal, nossa mente não é separada da mente cósmica, e que nossas almas, sendo partes de uma Alma universal, estão mais intimamente conectadas umas com as outras, toda a atividade assume um novo significado para nós, e torna-se impossível para nós agir por motivos egoístas ou fazer o mal. É quando, por causa de nosso conhecimento imperfeito, identificamos nosso verdadeiro Eu, o Conhecedor, com as limitações da mente e do corpo, que nos tornamos egoístas e estamos prontos para fazer as coisas que nos trazem sofrimento e miséria. Se, no entanto, permanecermos conscientes da unidade do universo, das leis que

governam a mente e o corpo, da relação que uma alma tem com a outra, e dos vários planos existentes no universo, não podemos cometer qualquer erro. A luz do verdadeiro conhecimento dissipa a escuridão da ignorância que é a causa do egoísmo, e revela a verdadeira natureza do Conhecedor que está acima de toda atividade.

Esse conhecimento é o mais elevado que nos leva para uma harmonia consciente com o universo, que nos faz perceber que o Conhecedor é separado do objeto conhecido, e que nada no universo pode jamais existir sem depender da existência de um Conhecedor universal, que se manifesta através de cada forma individual. Este conhecimento mais elevado da unidade mata a ideia de separação e resolve a multiplicidade de objetos fenomênicos naquela Realidade subjacente que é una. Os objetos fenomênicos do universo, como sol, lua e estrelas, são na verdade como tantos redemoinhos no vasto oceano de matéria em movimento. Aparentemente eles são separados uns dos outros, mas estão intimamente conectados uns com os outros pela corrente subjacente daquela energia primordial, que se manifesta como as várias forças da natureza. A soma total desta energia no universo não é aumentada nem diminuída, mas é eternamente UNA. Ela é também inseparável do Ser infinito, que é a fonte da existência e da consciência. Sendo iludidos pelas aparências, obtemos a ideia de separação e vemos um corpo como distinto de outro; mas quando vamos abaixo da superfície e buscamos aquilo que produz a variedade, rastreando-a de volta à sua causa final, a energia eterna, inevitavelmente chegamos ao conhecimento da unidade. Este é o problema que cada indivíduo terá que resolver. Ele já foi resolvido milhares de vezes pelos melhores pensadores e filósofos do mundo, mas sua solução não pode trazer satisfação para os outros. Se uma pessoa realizou a unidade da existência, ela possuirá verdadeira sabedoria, liberdade de todas as ilusões e paz de espírito ilimitada; outra, no entanto, não pode obter o mesmo resultado até que tenha ascendido a uma realização semelhante. Com a conquista deste conhecimento mais elevado da unidade, todas as questões serão respondidas, todas as dúvidas cessarão; mas é impossível fazer a mente não despertada compreender o que isso significa, pois para entender, deve-se tê-lo experimentado por si mesmo.

O primeiro tipo de conhecimento, como já foi dito, é o mais limitado. É o conhecimento da aparência fugaz dos objetos sensoriais como realidade. Os animais conhecem sua comida, ouvem som, cheiram, saboreiam e sentem as mudanças do clima; mas isso é tudo. Eles não entendem as causas de suas sensações; sua mente não funciona em um plano superior ao dos sentidos, portanto eles não sabem nada das coisas imperceptíveis aos sentidos. Aqueles que estão vivendo neste plano de percepções sensoriais são como animais. Eles não acreditam na existência de coisas que não podem ser reveladas pelos sentidos; eles não podem diferenciar matéria de espírito, alma de corpo, ou o conhecedor do objeto conhecido; conseqüentemente, eles sempre se identificam com suas atividades mentais e físicas. A maioria das pessoas em cada país não avançou ainda além deste primeiro estágio de conhecimento; e é por esta razão que elas são tão estreitas em suas ideias, tão egoístas, tão intencionadas em buscar os confortos do corpo e os prazeres dos sentidos sem pensar nos outros. Muitas estão ainda mesmo abaixo dos animais superiores em questão de fidelidade, devoção e cuidado com seus filhotes.

Este conhecimento, no entanto, é na realidade ignorância; e a filosofia do trabalho se esforça para nos conduzir para fora deste estado de escuridão para aquele da mais elevada iluminação, pela qual podemos reconhecer a verdadeira relação do indivíduo com o universo e, finalmente, realizar a meta da unidade. As pessoas comuns são tão inconscientes desta unidade quanto são do fato de que estão carregando um peso de quinze libras para cada polegada quadrada da superfície de seus corpos. Pense no que significa esse peso total! Tão grande, de fato, que se o corpo fosse colocado em um vácuo, onde esta pressão atmosférica não seria mais exercida, ele imediatamente explodiria. Ainda assim, as pessoas suportam este fardo dia após dia sem sabê-lo até tentarem escalar alguma subida íngreme. Assim é com o conhecimento de sua verdadeira natureza. Não tendo realização disso, elas acreditam que aprenderam tudo, porque aprenderam a cuidar do corpo; mas o homem sábio ri de tais concepções primitivas da vida. A cada passo encontramos este conhecimento comum, que é baseado em alguma ideia particular, estreita e limitada em escopo, sem nenhum elemento de conhecimento superior nele; e é esta ignorância que é a causa de todos os nossos erros. Para evitá-los, devemos continuamente fazer a pergunta: Quem está fazendo o trabalho? Espírito,

mente, sentidos ou corpo? Quem é o trabalhador? Se quisermos colocar a filosofia do trabalho em prática, devemos manter este pensamento constantemente em mente. Então devemos perguntar a seguir: Que trabalho especial devemos fazer para atingir a realização do Conhecedor?

Primeiro de tudo, devemos treinar nossas mentes. Devemos abrir nossos olhos para as condições sob as quais trabalhamos; e quando aprendermos a distinguir entre o conhecedor e o ator, acharemos fácil aplicar este conhecimento à nossa vida cotidiana. Devemos lembrar que as cinco condições já descritas são absolutamente necessárias para qualquer tipo de trabalho; mas elas não podem de forma alguma influenciar ou afetar o Conhecedor. Intelecto, mente, corpo e sentidos existem em relação a ele e não podem ser ativos se separados dele; mas eles estão perpetuamente mudando, enquanto ele é imutável. Aquele que realiza isto - que todas as coisas no plano mental ou físico existem apenas enquanto estão em relação com o Ātman, a fonte absoluta da vida e do conhecimento, vê aquele que está inativo no meio de toda atividade, e se torna um trabalhador correto. Este atinge a perfeição através de seu trabalho.

Que o corpo trabalhe, então, enquanto lembramos que é a mente e os órgãos dos sentidos que estão trabalhando, e que nós somos na realidade o Conhecedor, o Ātman. Qualquer outra coisa não está permanentemente conectada conosco. Nós tomamos este corpo por enquanto e estamos usando-o para o cumprimento do mais alto propósito da vida; mas através da ignorância do fato de que nosso verdadeiro Ser está acima de todas as condições físicas, nos identificamos com nosso instrumento material. Não realizando que transcendemos toda atividade, nos imaginamos um com nossas modificações mentais e nossas funções orgânicas; e tendo nos acorrentado com os desejos, estamos lutando para satisfazê-los. Quando, no entanto, reconhecemos que esses desejos não estão permanentemente relacionados ao verdadeiro Ser, que eles existem apenas na mente, e que podemos usá-los como um meio de atingir a liberdade perfeita, então eles cessarão de nos amarrar e encontraremos descanso e paz no meio de nossos problemas. *Se raiva ou ódio ou desejo surgirem dentro de nós, temos apenas que nos separarmos dessa mudança mental e ela desaparecerá. Se a paixão surgir, temos apenas que lembrar que somos o Conhecedor testemunha da paixão e ela se acalmará. É quando esquecemos que somos o Conhecedor e nos identificamos com a raiva, paixão ou ódio, que caímos*

sob seu domínio. Estudando as condições sob as quais realizamos todo trabalho, podemos separar nosso verdadeiro Ser dessas condições e sermos felizes. Então trabalhamos sem considerar resultados; mas no momento em que pensamos em ganhar algum fim específico, nos iludimos e trabalhamos ignorantemente, pois o conhecimento possuído naquele momento é parcial e imperfeito. O conhecimento perfeito revela o Conhecedor que está acima de todas as atividades e a realidade que subjaz a todos os objetos fenomênicos; entendendo isso, vivemos no mundo e labutamos, sem sermos escravizados, como trabalhadores comuns, pelo desejo pelo trabalho ou por seus resultados.

Para um observador externo, podemos parecer como outros trabalhadores [fazedores das ações], mas nossa atitude mental é diferente; e embora possamos nos assemelhar a eles exteriormente, não somos, como eles são, afetados pelas tarefas que realizamos com nosso corpo, mente e sentidos; nem somos impulsionados por motivos egoístas.

Homens sábios trabalham incessantemente, estando conscientes ao mesmo tempo de que não estão trabalhando, permitindo que o corpo e a mente ajam, mas não buscando nada em troca. De acordo com a filosofia do trabalho, todos aqueles, além disso, que não afirmam o ego, que estão livres de apego, dotados de energia e perseverança, não afetados pelo sucesso e fracasso, e que constantemente fazem seu trabalho sem se alterar pelo desejo ou aversão pelos frutos de suas ações, são, como estes sábios, verdadeiros trabalhadores espirituais. Aqueles, por outro lado, que são passionais, ambiciosos, facilmente afetados pela alegria ou tristeza, ganho ou perda, são trabalhadores comuns do mundo. Eles nunca são felizes, mas estão sempre perturbados, ansiosos e inquietos. Abaixo destes ainda há uma terceira classe de trabalhadores, a mais baixa de todas. Ela inclui aqueles que são descuidados, tolos, arrogantes, desonestos, indolentes, procrastinadores e deprimidos em espírito; que agem sem considerar a perda ou dano que podem infligir aos outros; e que estão sempre prontos para privar seus semelhantes de seus direitos ou impedi-los de ganhar seu sustento. Tais trabalhadores são vistos como egoístas criminosos, bem como perversos; ainda assim, toda a sua perversidade, egoísmo, apego e paixão procedem apenas da ignorância de seu verdadeiro Ser, que é o Conhecedor desapegado, semelhante a uma testemunha, de todas as

coisas, e que permanece imutável no meio das mudanças da mente e do corpo.

Este é o princípio fundamental da filosofia do trabalho, e aqueles que a compreendem, entendem o que fez todos os grandes trabalhadores espirituais do mundo declararem: 'Eu sou um com a Verdade eterna,' ou como os filósofos hindus expressam: '*Eu sou Brahman, eu sou Ele, eu sou Ele.*' Eles que mantêm esta ideia constantemente diante do olho espiritual, obterão felicidade ilimitada nesta vida; e quando a mudança vier para o corpo, eles não a perceberão, tão intensa será sua realização do fato de que estão acima de toda mudança. Tais pessoas aprenderam o segredo do trabalho. Elas são pacíficas, abençoadas e os verdadeiros trabalhadores desta terra.



"Tu tens direito ao trabalho, mas nunca aos frutos. Não seja impulsionado pela sede pelos resultados da ação, nem se agrade com a inação."

-Bhagavad Gita, Cap. II. 47.

CAPÍTULO VI

SEGREDO DO KARMA

Este mundo pode ser comparado a um palco gigantesco, onde o drama da vida está constantemente acontecendo. As almas individuais são os atores; elas interpretam os papéis para os quais são mais adequadas, seus desejos, tendências e capacidades determinando seus atos. Um assume o papel de um presidente, de um rei, um governador ou príncipe; outro, o de um comerciante ou advogado; um terceiro, o de um marido; um quarto, o de uma mãe; mas cada um sem exceção interpreta seu papel dia após dia e noite após noite, contribuindo, seja consciente ou inconscientemente, para o vasto drama chamado vida, com seus vários atos e cenas, alguns trágicos, alguns cômicos, alguns melodramáticos. A grande maioria da humanidade, no entanto, não percebe que está assim atuando no palco do mundo. Eles esqueceram que eles próprios

selecionaram os papéis que estão interpretando, que por sua própria escolha assumiram esses personagens. Eles imaginam, ao contrário, que algum ser invisível os forçou a preencher esses papéis; e sempre que alcançam um resultado gratificante, imaginam que aquele ser invisível está satisfeito; enquanto, se o resultado for doloroso, eles choram e lamentam e culpam o mesmo poder invisível.

Ocasionalmente, alguns dos atores ou atrizes, desgostosos de seus próprios papéis, tentam trocar com outros cujas papéis parecem mais atraentes, porque mostram um pouco de alegria em sua peça; assim eles passam de um papel para outro. Sempre, no entanto, eles continuam a atuar neste palco do mundo, ganhando experiência a cada passo, enquanto avançam em direção ao cumprimento do propósito do drama. Este propósito é a emancipação da alma da escravidão às leis da natureza e do cativeiro da ignorância, egoísmo, ambição e todas as imperfeições que a mantêm no plano dos fenômenos. Aqueles que atingem o objetivo se retiram do palco e não aparecem mais. Eles vivem em bem-aventurança e felicidade no reino superior da Divindade.

A causa de todos esses diferentes papéis que as almas individuais estão interpretando reside dentro dos próprios atores e atrizes e não fora deles. Em sua própria natureza interior é que deve ser encontrada; e assim como o poder de crescimento, que está latente na semente enterrada sob a superfície da terra, gradualmente irrompe e se manifesta na forma de plantas, árvores e arbustos, cada um mostrando as peculiaridades contidas na semente original, assim esses poderes que estão adormecidos em cada alma humana, despertam a tempo, a incitam à ação e a forçam a assumir algum papel particular na peça. São esses poderes latentes quando despertados para a atividade que conhecemos como nossos desejos e motivos. Enquanto esses desejos e motivos estiverem perfeitamente adormecidos, não há sinal de atividade; e este estado latente ou adormecido é chamado em Sânscrito de *Tamas*. Podemos entender melhor seu caráter se examinarmos a condição do sono profundo. Nesse estado, o poder de andar, ouvir, falar, está latente e não encontra expressão exterior. É um estado de inércia ou inatividade; mas quando esse poder desperta, produz uma vibração na substância mental, e essa vibração chamamos de atividade mental. Esta, por sua vez, quando manifestada no plano externo,

aparece na forma de atividade física. Toda atividade física, no entanto, necessariamente pressupõe atividade mental.

Cada germe da vida possui potencialidades infinitas armazenadas dentro dele; e estas, ao passarem da condição de *Tamas* para a de desejo ativo, o conduzem através dos vários estágios da evolução - do reino vegetal para o animal e daí para o do homem. O primeiro lampejo de atividade mental aparece nos animais inferiores; e atinge seu clímax quando o germe da vida se manifesta como um ser humano. Na forma humana, a mente atinge seu mais alto estado de atividade, e este estado ativo da mente é chamado em Sânscrito de *Rajas*, cujo significado é atividade. Isso impele o indivíduo a se expressar em ação mental e física, que produzem certas impressões na mente, e essas impressões se tornam a semente de atividades e desejos futuros.

Assim, toda ação, seja física ou mental, tem três estados: Primeiro, atividade ou desejo; segundo, ação exterior; terceiro, impressão. Depois disso, permanece adormecida por um tempo, depois desperta, aparece na forma de desejo, se expressa em alguma ação, da mente ou do corpo, e novamente produz uma impressão.

Cada indivíduo está ligado por estas três condições: atividade ou desejo, ação e impressão. Não podemos deter nossa ação externa enquanto houver atividade mental. Somos impelidos a algum tipo de esforço por nossa própria natureza interior. Por esta razão, é dito no *Bhagavad Gita*:

“Ninguém, na verdade, nem mesmo por um instante, permanece sem fazer ação; pois todos são impelidos e obrigados à ação pelas energias nascidas da natureza.” Incapazes, portanto, de resistir a esta força interior, somos obrigados a fazer aquilo que estamos fazendo. Cada uma de nossas ações, além disso, deve inevitavelmente produzir algum resultado. Toda ação é seguida por uma reação correspondente, que retorna ao ponto de onde partiu; portanto, a reação de cada ação deve voltar para a própria alma e influenciar o executor. Um estudo mais aprofundado também nos mostra que o caráter da ação e reação deve ser o mesmo. Se a ação for boa, a reação será boa; se a ação for má, a reação será igualmente má. Esta ‘lei da ação e reação’, ou de causa e efeito, é chamada em Sânscrito de *Karma*. Presa por esta lei do *Karma*, cada alma individual está realizando vários trabalhos; cada ator está interpretando seu papel e colhendo seus resultados, que estão na forma de bem ou mal, felicidade ou sofrimento.

Aquilo que estamos fazendo hoje é o resultado dos poderes adormecidos com os quais nascemos; e a causa desses poderes reside na atividade de algum estado anterior de existência. Não recebemos nenhum desses poderes latentes de fora; mas assim como vemos que toda ação aqui deixa uma certa impressão que, após um período de aquiescência, é novamente despertada, assim a causa dos desejos existentes deve ser encontrada nas impressões criadas por ações passadas. Nossa vida presente é um elo de conexão na cadeia de nossas aparições no plano fenomênico. *Nosso presente é o resultado de nosso passado, e nosso futuro deve ser o resultado de nosso presente.* Uma vez que isso é verdade, então podemos determinar nosso passado estudando nosso presente. Muitas pessoas perguntam: Que prova há de que tivemos um passado e de que teremos um futuro? A prova é nossa condição presente. E isso pode ser demonstrado cientificamente pela 'lei da causa e sequência.' A causa está inerente no efeito, e o efeito é a manifestação exterior da causa; portanto, se somos os efeitos de algo, essa causa deve estar, não fora, mas dentro de nós. Isso aprendemos observando a natureza e entendendo a 'lei da causalidade'. Esta lei, além disso, é irresistível e implacável. Ela não para pelo choro do órfão ou pelas lágrimas da viúva; ela avança sem piedade e sem ser detida por qualquer obstáculo. Ela molda o caráter de cada indivíduo, de sábios e pecadores, de reis e mendigos; todos estão presos por ela, ninguém pode escapar dela. Impulsionados por ela, estamos nos movendo para cá e para lá, aparentemente em linha reta, mas mais frequentemente em um círculo. Começando de um desejo, vamos a uma certa distância, descrevemos uma curva e voltamos ao mesmo lugar sem o menor conhecimento de onde e como o propósito da vida será alcançado.

Nesta roda de ação e reação, cada alma individual está passando de um ponto a outro, continuamente, era após era. Existe alguma esperança de escaparmos desta roda? Pessoas ignorantes e míopes negam a existência da *lei do Karma*. Eles dizem que toda atividade terminará após a morte deste corpo; que nada restará; que ninguém será responsável pelas ações deste corpo. Mas é provável que a lei de causa e efeito, de ação e reação, cesse de funcionar porque essas pessoas ignorantes não a entendem e nem acreditam nela? Não. Quer acreditemos ou não, ela continuará a produzir seus resultados, assim como a lei da gravidade opera, quer um homem a

observe ou a desconsidere. Nossa crença ou descrença nunca pode deter a lei do Karma em sua ação incessante.

Sendo este o decreto da natureza e a consistência da lei, surgem as questões: Como devemos trabalhar, o que devemos fazer para cumprir o propósito deste drama da vida? Como podemos nos libertar desta lei que nos tornou escravos do desejo e da paixão? Essas questões não se apresentam frequentemente às mentes ocidentais, porque eles não percebem sua importância tão fortemente quanto os hindus; e porque não encontram em sua religião nenhuma menção específica à lei do Karma. É a ciência moderna que está trazendo a luz, com tanto destaque, esta 'lei da causalidade'; mas as escrituras lidam pouco com ela. Elas tentam explicar tudo pela lei da hereditariedade, ou pela intervenção de algum poder sobrenatural, sempre colocando a causa de nossos atos fora de nós. Elas dizem que somos impelidos por algum poder externo a fazer certas coisas, mas quem ou o que é esse poder, elas não podem nos dizer. Na Índia, no entanto, volumes e mais volumes foram escritos sobre o assunto; ele foi discutido por eras; a lei do Karma foi aplicada aos problemas da existência cotidiana, e através dela veio um entendimento dos mistérios da vida que tem trazido consolação a milhões.

Uma vez que a lei do Karma é tão inexorável, cada indivíduo deve estar sujeito a ela - não apenas nesta vida, mas também em vidas futuras. Pode então não haver escapatória dela? Não chegará um momento em que a alma ganhará liberdade deste cativeiro da natureza? Na verdade, a alma não foi criada para a natureza, mas a natureza está trabalhando para a experiência de cada alma individual. Devemos perceber isso; mas até entendermos a alma em sua verdadeira luz, não podemos discernir se a natureza física foi feita para ela ou se ela foi feita para a natureza física. Se, no entanto, estudarmos nossas próprias almas cuidadosamente, descobriremos que nossa mente, intelecto, sentidos e corpo estão dentro do reino dos fenômenos; enquanto o verdadeiro Ser é algo que permanece como uma testemunha fora e além da mente, intelecto, corpo e sentidos. Esse algo semelhante a uma testemunha dentro de nós está além da natureza e de suas leis. Ele já é livre; se não fosse, não buscaríamos a liberdade. O anseio pela liberdade está dentro de nós; e como não pode haver um anseio por algo que não existe na realidade, podemos

seguramente dizer que existe algo como a liberdade absoluta, *que será alcançada mais cedo ou mais tarde como o propósito final de toda vida humana.*

Vimos que todas as causas de nossas ações são os motivos ou desejos que estão dentro de nós mesmos. Enquanto esses desejos estiverem lá, somos forçados a agir e colher o fruto de nossas ações. Na vida cotidiana, cada indivíduo está constantemente realizando algum tipo de ação por algum motivo. Alguns atuam por dinheiro, alguns por nome e fama; alguns atuam na esperança de alcançar os céus, e outros como penitência. Um certo número adquire imensa riqueza através de seus trabalhos e imagina que, pelo acúmulo de riquezas, está cumprindo o propósito da vida; mas se isso fosse verdade, essas pessoas seriam perfeitamente felizes e contentes.

No entanto, quando seus armazéns estão cheios, elas ainda buscam a paz e a felicidade que sua riqueza não pode lhes trazer. Tais motivos procedem todos do egoísmo; e enquanto os alimentarmos, devemos colher os resultados de nossos desejos, permanecer apegados a eles e continuar acorrentados pela cadeia de causa e efeito. Toda ação realizada por motivos egoístas prende a alma aos seus frutos e é, em consequência, uma causa de escravidão. Se, no entanto, pudermos uma vez chegar ao ponto de trabalhar sem ter desejo por resultados, sem buscar nenhum retorno, então a lei do Karma será rompida e a liberdade será nossa. Como podemos fazer isso? *Trabalhando pelo trabalho em si e não para cumprir desejos egoístas.*

Aqui pode ser perguntado se é possível trabalhar pelo trabalho em si. Claro, aqueles que estão se esforçando por fins individuais, como nome, fama ou dinheiro, dirão que é impossível; mas há alguns em cada país que trabalham sem motivo pessoal, sem desejo por retorno, e eles são o sal da terra. Eles trabalham como se estivessem pagando uma dívida que devem à sociedade, aos pais, à humanidade. Se pudermos trabalhar com esta ideia, de que tudo o que fazemos é meramente para cancelar nossa dívida com o universo, então podemos trabalhar pelo trabalho em si. Quando pagamos uma dívida, pensamos em obter algo em troca? Não; fazemos nosso trabalho, cancelamos nossa obrigação e não pensamos mais nisso.

Cada indivíduo, por causa de seu nascimento, deve algo ao estado e ao país, à família e aos vizinhos; aos seus mestres espirituais e ao seu Ser superior. Enquanto ele vive em sociedade, deve algo à sociedade. Enquanto ele é guardado e protegido pelas condições sociais, ele está em

dívida com o corpo social que as mantém. Como ele pode pagar essa dívida? Sendo um bom membro da sociedade, fazendo o que pode para ajudar todos os outros membros e fazendo todos os esforços para cumprir sua obrigação para com a comunidade e a humanidade.

Devemos reconhecer os direitos dos outros e não realizar qualquer ato que possa infringir esses direitos. Não devemos ferir nosso próximo, já que não desejamos ser feridos por ele; e ao mesmo tempo devemos lembrar que nosso motivo ao trabalhar não é obter algum retorno, mas pagar a dívida que devemos ao mundo. Sendo bons membros da família e criando nossos filhos da maneira certa, pagamos nossa dívida com os pais e antepassados. Ao estudar as obras dos grandes homens e ao aprender toda a sabedoria que foi reunida pelos sábios, cancelamos nossa dívida com eles; enquanto pagamos diariamente nossa dívida com nossos mestres espirituais, seguindo seu exemplo e preceitos, e ajudando a humanidade no caminho do progresso espiritual.

Na Índia, cada vida individual é dividida em quatro períodos, cada um deles fixado para pagar dívidas a alguma parte do mundo - aos pais, à sociedade, aos preceptores espirituais ou ao nosso próprio Ser superior. A dívida que devemos a este Ser superior pode ser paga realizando nossa verdadeira natureza, sabendo quem e o que somos na realidade, e emancipando a alma do cativo da natureza, bem como da lei irresistível do Karma, que a mantém no plano fenomênico. Esta dívida deve ser cancelada antes que chegue o tempo da partida, e na Índia esta convicção é muito forte. O objetivo final da vida será servido se pudermos quitar a dívida que devemos a nós mesmos. Se mantivermos esta ideia sempre em nossas mentes enquanto trabalhamos na família, na sociedade, no estado, trabalharemos sem buscar nenhum resultado, seja glória pessoal, riqueza ou mesmo satisfação moral; e todo trabalho realizado neste espírito purificará nossas almas do egoísmo, ódio, ciúme e raiva. Então iremos para nossa rotina de tarefas diárias, comendo, bebendo, conversando, não com o motivo de preservar nossos corpos, mas de criar as condições necessárias para o cancelamento de todas as nossas dívidas. Não trabalharemos mais através do apego aos frutos de nosso trabalho e, em consequência, interpretaremos nossos papéis sem colher os resultados de tristeza, sofrimento e decepção, que muitas vezes vêm quando o motivo de nosso esforço é egoísta. Então também não estaremos em perigo de fazer o mal.

Outra coisa deve ser considerada antes que possamos trabalhar pelo trabalho em si. Todas as forças que estamos usando em nossas mentes e corpos não nos pertencem realmente. Nós as reivindicamos como nossas, mas na realidade elas não são nossas. Podemos dizer que o ar em nossos pulmões é nosso? Não; estamos apenas fazendo uso dele para um certo propósito. A força de atração que mantém as moléculas de nossos corpos unidas também não é nossa; ela está no universo. Assim, quando entendemos todo o nosso organismo, físico e mental, descobrimos que todas as forças que estamos usando pertencem não a nenhuma pessoa em particular, mas ao universo. Olhando para nós mesmos do ponto de vista do universo, percebemos que nossos corpos são como tantos redemoinhos no mar da matéria, cada partícula da qual está em constante movimento. Da mesma forma, quando realizamos a natureza de nossas mentes, descobrimos que há uma corrente mental fluindo através do universo. Quando essa corrente, que é conhecida como a mente cósmica, aparece em uma forma, eu a chamo de minha mente, em outra forma você a chama de sua mente; mas na realidade, ela está atuando em cada mente. A única energia universal está se manifestando através de inúmeras formas e formatos e nunca pode ser considerada como possuída por qualquer indivíduo. O poder de pensar, de ouvir, saborear, cheirar, tudo existe no universo. Toda força operando através da máquina do corpo humano é uma força da natureza; mas sendo autoiludidos, sonhamos que essas forças são nossas. Portanto, é dito: “As ações são realizadas em todos os casos pelas energias da natureza. Aquele cuja mente é iludida pelo egoísmo pensa: *‘Eu sou o executor’*” ⁷

Homens tolos e cegados pelo ego imaginam que são os executores de suas ações e, conseqüentemente, continuam a colher os frutos de seu erro ao longo de suas vidas. Enquanto nos identificarmos com nossos corpos, através da ignorância de nossa verdadeira natureza, e nos chamarmos de atores, jogadores ou executores, devemos suportar os resultados de nossas ações. No momento, no entanto, em que percebemos que este corpo é uma parte do corpo universal, que este intelecto é uma parte do intelecto cósmico, que o conhecedor da mente, dos sentidos e do

⁷ Bhagavad Gita, Cap. III, 27.

corpo não é nenhum deles, mas permanece fora, e que este conhecedor é nosso verdadeiro Ser; então deixamos o corpo trabalhar com a plena consciência de que não somos ator, trabalhador, nem executor, e permanecemos intocados pelas consequências de nossas ações. A única coisa essencial é nunca esquecer que o trabalho feito pela mente e pelo corpo não é, *na realidade, realizado pelo verdadeiro Ser, mas pela natureza*. Os sábios realizam isso e são libertados *apegos que procedem da ignorância*. O egoísmo é o resultado da ignorância. Quando confundimos nosso verdadeiro Ser ou Ātman com a mente e o corpo, imaginamos que somos o ser estreito e limitado a quem chamamos de ‘eu’ ou ‘mim’, e nos recusamos a reconhecer outros seres limitados conhecidos como ‘ele’ ou ‘ela’. Pensamos em nosso ‘pequeno eu’, lutamos para enriquecê-lo e sofremos com os resultados de nossa ignorância. Agindo assim por motivos egoístas ano após ano, nos tornamos infelizes e miseráveis. Os sábios, no entanto, compreendendo que essas diferentes mentes e egos são apenas expressões da única mente cósmica e do único ego cósmico, nunca cometem esse erro, mas têm consideração pelos direitos de todos, amam os outros como amam a si mesmos e, portanto, são sempre felizes. Tudo o que fazem, é feito não na ignorância, mas com conhecimento. Quando interpretam seus papéis no palco deste mundo, estão plenamente cientes de como o drama terminará e como seu propósito será cumprido. Eles trabalham incessantemente, nunca buscando resultados; pois se lembram do ensinamento do bendito Senhor Krishna: “Tu tens o direito de trabalhar, mas não aos seus resultados.”⁸

Como podemos esperar obter os frutos do trabalho feito pela natureza, e não por nós mesmos? Não podemos. No entanto, ao perceber de onde vêm as forças que se expressam através de nossas mentes e corpos, e ao deixar os resultados de suas manifestações irem para a fonte da qual a atividade procedeu, nos soltaremos da cadeia de causa e consequência; e quando essa cadeia for quebrada, seremos livres. Então podemos deixar nossas mãos e pés, nossos corpos e intelectos, permanecerem constantemente ativos, sem pensar em resultados ou esquecer que não somos, na realidade, os atores.

⁸ Bhagavad Gita, Cap. II, 47.

Algumas pessoas imaginam que, ao abandonar a ação, escaparão da lei do *Karma*; mas elas estão enganadas. Aqueles que leram o *Bhagavad Gita*, se lembrarão da passagem onde Krishna diz a Arjuna, quando este, dominado pela compaixão, se recusa a lutar contra seu adversário: “Não sejas um covarde, isso não te convém; abandona esta mesquinha fraqueza de coração e levanta-te, ó conquistador de teus inimigos!”⁹ E novamente: “Imbuído de egoísmo (o sentimento de ‘eu sou o executor’), estás determinado a não realizar aquilo para o qual tua natureza te impele. Constrangido por tuas atividades nascidas da natureza, serás forçado a fazer aquilo que, por ilusão, desejás não fazer.”¹⁰

Isto pode ser aplicado às nossas vidas cotidianas. Não podemos nos retirar do trabalho do mundo sem, como Arjuna, sermos culpados de covardia. Além disso, por mais ansiosos que estejamos para nos retirar de uma vida de ação, não podemos na realidade passar por fora da região da atividade. Se cessarmos de trabalhar com nossos corpos, nossas mentes ainda permanecem ativas; e nossa única esperança de liberdade está em aprender o segredo da ação. *Este consiste, como já vimos, em trabalhar incessantemente sem desejo por retorno, e sem outro motivo senão a emancipação da alma pagando nossas dívidas. Aquele que pode assim agir está livre de todas as leis que prendem o indivíduo comum.* Todo o seu trabalho é para a humanidade. Tudo o que ele faz é uma oferta gratuita ao mundo. Ele não tem interesse em resultados; ainda assim, ele trabalha incansavelmente, e através de suas ações sua mente e coração se purificam. Então no espelho de seu coração puro reflete o Espírito divino que habita dentro dele; e ele sente que sua mente e corpo são meramente os instrumentos através dos quais a Vontade Divina está manifestando seu poder. Desse, o *Bhagavad Gita* nos diz: “Tendo abandonado o apego pelos frutos da ação, sempre contente e satisfeito, não dependendo de ninguém, embora engajado em ações, ele nada faz.”¹¹

Liberado do cativo da ignorância, egoísmo e ilusão, e tendo cortado o fio que prende a alma ao nascimento e renascimento, ele alcança finalmente o reino da paz eterna. Esta paz é considerada como o ideal mais

⁹ Bhagavad Gita, Cap. II, 3.

¹⁰ Bhagavad Gita, Cap. XVIII, 59.

¹¹ Bhagavad Gita, Cap. IV, 20.

elevado por toda religião, e com sua realização o objetivo da vida é alcançado. Tendo atingido esta condição, a alma recupera sua liberdade perfeita. Não estando mais sujeita às leis da natureza, ela é mestra e pode manifestar aqueles poderes de onipotência e onisciência, que são seu direito de nascença. Aqueles que atingiram este estado são chamados de 'os Salvadores do mundo'. Tais foram Buddha, Krishna, Cristo, Ramakrishna e outros. Realizando a unidade da alma individual com o Espírito universal, eles trabalharam pelo trabalho em si, sem pensamento de retorno, e quem quer que trabalhe de maneira semelhante, conhecerá a verdadeira felicidade nesta vida e permanecerá em paz para sempre.



Aquele que desempenha seu dever, entendendo o segredo do trabalho, eleva-se acima do bem e do mal.

-Bhagavad Gita, Cap. II, 50.

CAPÍTULO VII

DEVER OU MOTIVO NO KARMA

A atividade da mente e do corpo é a condição da vida; a inatividade absoluta significa a morte. Esta atividade encontra expressão variadamente no trabalho comum de nossa existência cotidiana; e este trabalho pode ser dividido em três classes, de acordo com o motivo que o inspira.

A primeira classe inclui tudo o que fazemos para a preservação do corpo e para a gratificação dos sentidos. A segunda abraça todas as ações feitas por um senso de dever; e a terceira, tudo o que é feito livremente e com amor. As ações da primeira classe, realizadas para satisfazer os desejos da natureza animal, são principalmente guiadas por dois motivos - fome e

propagação da espécie. Se descermos ao reino vegetal, encontramos esses motivos expressos na atividade de árvores e plantas. Da ameba mais baixa aos seres humanos, a mesma expressão está igualmente presente, *a diferença não sendo em tipo, mas em grau*. À medida que subimos mais alto na escala da evolução, observamos que esses motivos se tornam mais claramente definidos, até atingirem seu ponto culminante no homem, o mais elevado de todas as criaturas vivas. Através de um processo adicional de evolução, esses dois motivos novamente, quando inspirados por um amor próprio, produzem o senso de certo e errado e o senso de dever. O segundo gradualmente se desenvolve a partir do primeiro, e isso invariavelmente procede do amor do ser. Este amor do ser, além disso, é muito limitado no início; uma vez que o ser neste período é aquele que é identificado com o corpo. Não apenas este é o caso em animais inferiores, mas também em seres humanos, que vivem no plano animal e cujos olhos espirituais não estão abertos, e que identificam alma com corpo e espírito com matéria. Eles são incapazes de distinguir um do outro.

Em cada indivíduo, neste ponto, o ser é o centro de todas as coisas, e aquilo que beneficia o ser se torna o objeto único de atenção; então o indivíduo começa a chamar aquilo que é benéfico para si mesmo de certo, e aquilo que lhe causa dor e sofrimento de errado. Movido pelo amor do ser, ele primeiro cuida do ser inferior ou estreito, limitado, daquilo que entendemos pelos termos 'eu' e 'mim', sem reconhecer o 'Ser' dos outros. Neste estágio de desenvolvimento, ele não tem outro pensamento senão buscar seu próprio prazer e gratificação, ou evitar aquilo que pode lhe trazer desconforto e sofrimento; como encontramos em tribos selvagens, cuja única preocupação é com o ser inferior, que são, por assim dizer, todo 'eu', todo 'mim'. Aos poucos, quando a natureza moral começa a se desenvolver, este mesmo indivíduo aprende a reverenciar os direitos dos outros; e por outros aqui queremos dizer aqueles que estão intimamente relacionados ao ser - os parentes mais próximos ou aqueles com quem a pessoa está constantemente associada. Ele agora sente que não deveria fazer nada para ferir seus parentes mais próximos; e este é o primeiro despertar do senso de dever. Daqui em diante, a ideia de certo e errado não está mais confinada aos motivos de autopreservação e autogratificação, mas inclui os 'eus' daqueles unidos a ele por laços familiares. Quando o indivíduo encontra um parente que cuida de suas necessidades corporais

ou lhe dá certos prazeres, ele começa a sentir por esse parente e pensa que deveria proteger sua vida e buscar seu conforto como faria pelo seu próprio ser. Este é o despertar do senso de dever para com a família.

Em seguida, se ele entra em contato com um vizinho que traz conforto ou prazer para sua vida, ele desenvolve por ele o mesmo sentimento que tem por seu parente consanguíneo, e se esforça por sua vez para defender seus interesses. Daí a origem do dever para com o amigo e o vizinho.

Desta forma, se em nossa própria experiência tentarmos traçar a relação existente entre nós e aqueles não conectados conosco por laços de sangue, descobriremos que nosso sentimento de dever para com eles gradualmente surgiu do princípio básico do amor próprio. O dever particular dos indivíduos, no entanto, variará de acordo com a natureza e as circunstâncias de cada um; *pois não pode haver um padrão absoluto de dever para todos, uma vez que o dever é em sua essência relativo*. Nesta grande oficina da natureza, todos são obrigados a cumprir os deveres impostos a eles por seus ambientes especiais, e esses ambientes nem sempre são os mesmos. À medida que o ambiente varia, assim irão variar os deveres; e como as naturezas individuais diferem, assim deve diferir o senso de dever, de acordo com cada natureza e suas tendências específicas. Aquilo que é dever para uma pessoa pode não ser dever para outra; aquilo que é dever em um período da vida pode não ser em outro período. Uma criança tem seus deveres para com seus pais, mas quando atinge a juventude, novos deveres surgem. Quando ele vai para a escola, ele deve assumir os deveres da vida estudantil; quando ele se casa, os deveres da vida conjugal começam; e quando ele se torna pai, deveres para com seus filhos o prendem. Quando, novamente, ele se lembra que mantém uma relação definida com seu país ou estado, ele desperta para um senso de dever para com a nação e o governo.

Assim, no caso de cada indivíduo, descobrir-se-á que o que era dever em um momento deixa de ser em outro; enquanto novos deveres surgem para tomar o lugar dos antigos. Todos tínhamos certos deveres na escola, mas onde estão eles agora? Foram-se! Não pensamos atualmente da mesma maneira que pensávamos quando éramos estudantes; outros deveres surgiram e afastaram os daquela época. A vida é dividida em diferentes estágios, e cada estágio tem suas obrigações. É um processo

contínuo de evolução e progressão, no qual deveres mais elevados estão evoluindo a partir de deveres mais baixos e ligando a alma por enquanto. Quando vamos ao nosso escritório, deveres oficiais nos reivindicam; quando voltamos para casa, somos recebidos por deveres domésticos. Nossa existência inteira é uma série de ocupações, cada uma das quais traz consigo um sentimento de dever; e este sentimento é o senso de dever em nós. *Não existe tal coisa como dever em um sentido objetivo; não podemos obtê-lo de fora. É puramente subjetivo.* Quando realizamos certos atos sob certas circunstâncias e estamos conscientes de que devemos fazê-los, esse sentimento de obrigação é o dever. Mas quem nos diz que devemos? Nosso próprio eu interior. Impulsionados por tendências naturais e conhecimento parcial, começamos a pensar que sob condições específicas devemos realizar esses atos; e enquanto mantivermos essa crença, somos forçados a fazê-los. *O sentimento que nos liga a esses atos especiais de corpo e mente é o senso de dever. O dever cria uma espécie de cativeiro entre o indivíduo e seu ambiente.* Se não tivermos o senso de dever, não sentimos esse cativeiro. É, de fato, uma condição que nos torna escravos enquanto dura. Em nossas vidas diárias, cumprimos nossos muitos deveres como servos obrigados; no entanto, continuamos imaginando que, ao cumpri-los, seremos felizes através da satisfação que surgirá da consciência de tê-los cumprido; mas no instante seguinte as condições mudam, nosso ambiente se altera e somos confrontados por outro conjunto de deveres e um novo sentimento de obrigação.

Nada pode nos libertar enquanto estivermos acorrentados por este senso de dever. *É o maior cativeiro de nossas vidas.* Podemos considerar como eminentemente louvável sermos perpetuamente constrangidos pela ideia de obrigação e nos forçarmos a fazer aquilo que nos parece dever no momento; mas é absolutamente necessário para nós percebermos que *isso nunca levará à felicidade.* Temos apenas que voltar em nossa própria experiência para descobrir que, embora tenhamos realizado inúmeros deveres, não ganhamos nenhuma felicidade duradoura com sua realização. Se perguntássemos a um homem velho de oitenta ou noventa anos, que cumpriu todas as suas obrigações para com a família, sociedade e país, se ele é feliz, sua resposta seria afirmativa? Não; ele quase certamente dirá: 'Embora eu tenha feito tudo o que era exigido de mim como pai, marido e cidadão, ainda assim não sou feliz.' Então paramos e

fazemos a questão cada um para si: 'Se eu fizer todo o meu dever, estarei mais em paz?' E somos forçados a admitir: 'Muito provavelmente não.' A mera realização do dever em si não pode ser produtora de resultados permanentemente bons. Devemos saber, entre a multiplicidade de deveres que nos cercam, qual é o mais importante; e finalmente devemos enfrentar o problema: 'Qual é o mais elevado, o único dever real da vida?'

Algumas pessoas dizem que ajudar os outros é o dever mais elevado. Mas por que deveríamos ajudar os outros? Porque alguém disse isso, ou porque está escrito em algum livro? Por que não matamos todos e nos enriquecemos? A Bíblia declara: 'Teme a Deus e guarda os Seus mandamentos, porque este é todo o dever do homem.'¹² O Alcorão diz: 'Segue os ensinamentos de Maomé; este é o dever todo do homem.' Zoroastro nos diz: 'Siga os ensinamentos do *Zend-Avesta* e obedeça aos comandos de *Ahura Mazda*; nisto reside todo o dever do homem.' Mas por que deveríamos temer a Deus? A resposta vem: 'Porque se não o fizermos, Ele nos punirá.' Mas por que Ele ordena de uma maneira para uma nação e de maneira diferente para outra? Como, quando as escrituras todas variam, cada uma pode reivindicar autoridade suprema? No Alcorão lemos que um homem pode se casar vinte vezes - Maomé mesmo teve dezoito esposas - e este é um dos comandos de Deus sob as condições sociais prevalecentes naquele país particular; mas dificilmente faria isso na América. Variação, de fato, é uma característica saliente dos chamados comandos divinos, e quando um homem ler todas as escrituras do mundo, ele não saberá qual seguir. Por que, então, deveríamos obedecer aos decretos de Deus? Há muitos que não acreditam em punição; o que resta para eles? Eles não serão impelidos a observar os comandos de Deus, uma vez que não têm medo de Sua ira; portanto, tais pessoas não terão dever.

A palavra *dever* é um termo abstrato e, como todos os termos abstratos, não pode ser definido. Podemos, no entanto, ter alguma ideia do que se entende por ele se estudarmos as diferentes escrituras e reduzirmos seus ensinamentos às suas formas mais simples. Nos comandos de Deus, observamos que todos aqueles que dizem: 'Não faças isso ou aquilo', podem ser resumidos na advertência: 'Não sejas egoísta, sê altruísta.' Que

¹² Eclesiastes, Cap. 12, v. 13.

qualquer comando divino seja analisado, e este será encontrado como sua base. Qualquer ação que leve alguém do egoísmo ao altruísmo, que amplie e eleve o caráter, que traga liberdade para a alma e a direcione para Deus, é boa e, portanto, torna-se o mais alto dever de cada indivíduo. Por outro lado, aquilo que encerra alguém dentro das paredes estreitas de sua natureza inferior limitada é egoísta e deve ser evitado. Quando um homem realizar isso, sua ideia de dever não estará mais confinada aos ditos de qualquer livro ou de qualquer pessoa, mas será fundada sobre a lei universal do altruísmo. Seu padrão será: 'Aquilo que eleva o caráter é certo, aquilo que degrada é errado.' A linha particular de ação, no entanto, que elevará ou degradará um indivíduo variará de acordo com sua natureza e seu ambiente. Elevação e degradação não devem ser medidas pelo padrão de qualquer pessoa em particular em um estágio particular de desenvolvimento, mas pelo ideal mais elevado de todos os indivíduos, de todas as seitas e de todas as religiões. O mais alto padrão comum é a liberdade absoluta da alma de todo cativeiro. Aquilo que leva a tal liberdade é elevador, aquilo que mantém alguém em cativeiro é degradante. Portanto, é dito pelos filósofos hindus: 'Aquilo que eleva a alma, que traz prosperidade e liberdade absoluta, tanto aqui quanto no além, é o verdadeiro dever.' Este ideal de dever é como a estrela polar que aponta o caminho para o navio da alma humana nas águas turbulentas do oceano da atividade, guiando-o gradualmente através do mar profundo para a terra da liberdade perfeita.

Temos apenas que estar constantemente atentos a este único fato, que ser altruísta é nosso único dever, e aplicá-lo à nossa rotina diária, para termos certeza de que nosso mais alto dever está sendo realizado. Na vida ordinária, somos confrontados por vários tipos de deveres - para conosco mesmos, para com nossa família, nosso vizinho, para com a sociedade, país, humanidade e, finalmente, como culminação, para com todas as criaturas vivas; pois a única ideia que é universal e comum a todos em todos os países e em todas as eras é a de não ferir, seja mental ou fisicamente, qualquer ser vivo. Primeiro começamos do eu inferior, do 'eu' ou 'mim'; então, aos poucos, chegamos a reconhecer o ser dos outros. Quando começamos a sentir pelos outros da mesma maneira que sentimos por nós mesmos, começamos a nos elevar acima das limitações deste ser estreito; e naquele exato momento demos nosso primeiro passo em direção

ao altruísmo. O fim é alcançado quando percebemos que todas as criaturas vivas são iguais a nós mesmos. Jesus Cristo disse: 'Ama o teu próximo como a ti mesmo,' e 'Amai vossos inimigos'; mas Ele não pregou: 'Amai todas as criaturas vivas,' como fez Buddha. Quando uma cabra estava prestes a ser morta, Buddha se adiantou e ofereceu sua própria vida pela da cabra. A vida da cabra foi salva, e o homem que a teria matado depois se tornou discípulo de Buddha. Quando começamos a prezar todas as criaturas vivas como prezamos a nós mesmos, atingimos o estado de desenvolvimento onde o senso de 'eu', 'mim' e 'meu' desaparece; onde vemos toda a criação como uma no plano espiritual. Portanto, é dito no *Bhagavad Gita*: "Aquele que vê o mesmo Ser divino igualmente presente em todos, não mata a si mesmo e assim alcança o objetivo supremo."¹³

Esta realização da unidade do espírito é o mais alto ideal da vida. É o clímax do altruísmo e torna-se idêntico ao amor Divino, porque Deus ama todas as criaturas igualmente. Seu amor, de fato, brilha igualmente sobre todos, assim como a luz do sol sobre o homem e a besta sem distinção.

Quando este amor ou sentimento de unidade desperta na alma, nos elevamos acima de todo dever e trabalhamos, não através de um senso de obrigação, mas através do amor. Qual é o mais alto desses dois motivos? O amor deve ser mais elevado que o dever, e onde há amor, não pode haver pensamento de dever. Observamos na vida comum como, quando uma pessoa se apaixona por outra, ela perde todo sentimento de dever para com amigos, parentes e sociedade; porque o amor aniquilou toda consciência de outros deveres e libertou a alma. Enquanto estamos ligados pelo dever, somos escravos; mas se nesta condição de escravidão somos levados por um forte sentimento de amor, todo o senso de dever para com a família ou sociedade, que anteriormente nos mantinha em cativeiro, se dissolve, e naquele momento nos tornamos livres. Assim vemos que onde quer que haja amor verdadeiro, há liberdade, e nenhum vestígio de dever pode permanecer. Deus não tem dever para com nenhuma criatura viva, mas Ele tem amor por todas. Devemos tentar, então, distinguir entre amor e dever; uma vez que o dever nos coloca em cativeiro, nos torna escravos; enquanto o amor traz liberdade e emancipação para a alma.

¹³ Bhagavad Gita, Ch. XIII, 29.

Quando o sentimento de amor por toda criatura viva vem a alguém, essa pessoa está livre de todos os deveres, de todo cativeiro, de todo apego à sua natureza física. Ele não busca prazer sensorial, nem se importa em preservar o ser inferior nem em proteger o corpo, porque ele percebe que não é o corpo, mas a alma. Mesmo quando o corpo é dilacerado em pedaços, ele não é abalado, mas mantém a consciência de sua natureza espiritual, seu Ātman ou Ser divino, que não pode ser cortado em pedaços, não pode ser queimado pelo fogo, umedecido pela água ou secado pelo ar.¹⁴ Ao realizar isso, ele também trabalha sem pensamento de retorno. Mesmo aqueles que cumprem seu dever com a esperança de retorno, cessam de pensar em resultados quando começam a ser movidos pelo amor; e *todo trabalho realizado através deste motivo mais elevado de amor assume a forma de atos de adoração ao Espírito supremo.*

O dever raramente é doce quando não acompanhado pelo amor; pelo contrário, é extremamente amargo. Suponha que uma esposa tenha que cumprir seu dever para com seu marido, se não há amor, é agradável? Ou, se o marido deve fazer seu dever para com sua esposa, não por amor, mas simplesmente porque estão unidos pela lei, há alguma felicidade nisso? Onde há amor, no entanto, há alegria e paz, e nenhum busca qualquer retorno¹⁵. O amor verdadeiro faz com que se trabalhe pelo amor em si, e o senso de dever desaparece. Aquele que entende isso, conhece a filosofia do trabalho; e, movido em todas as suas ações apenas pelo amor, ele se torna abençoado e um trabalhador divino.

Jesus se deu à humanidade porque a amava. Buddha ajudou a humanidade porque via os homens miseráveis e sofrendo e não podia resistir ao seu desejo de salvá-los, assim como um homem que, vendo alguém se afogando e, perdendo todo pensamento de si mesmo, de sua própria vida mesmo, corre para o resgate. *Aquilo que nos faz esquecer nosso próprio ser ou nossa própria vida é o amor verdadeiro e está além do dever.* Ou melhor, é o cumprimento do mais alto dever e deve, portanto, trazer liberdade. Então, tudo o que fazemos, fazemos através do amor e vivemos neste mundo como encarnações da Divindade.

¹⁴ Bhagavad Gita, Cap. II, 23-24.

¹⁵ Bhagavad Gita, Cap. V, 11.

A meta final do dever é a liberdade e o amor Divino, e com o despertar deste amor vem todo o conhecimento. O amor Divino e a sabedoria Divina são um. Eles desdobram o eu interior simultaneamente e nos levam à consciência de Deus. No momento em que um homem ama todas as criaturas vivas como ama a si mesmo, ele conheceu o Eu de todos e ascendeu ao reino da consciência de Deus; ele não está mais no plano humano. *O amor Divino significa a expressão do sentimento de unidade.* Esta unidade não aparece no físico, mas apenas no mais alto plano espiritual; portanto quando alguém atinge este estado, ele conhece Deus e vê a Divindade em todas as coisas. Ele não vê homem negro, homem branco ou animais inferiores, mas *o Ser divino por trás dessas várias formas.* Deus está se manifestando em todos os lugares e através de cada forma igualmente.¹⁶ Quando tal homem olha para o rosto de uma pessoa, sua visão vai abaixo da superfície até o fundo, até o âmago, até a Alma daquela alma; e através desta visão mais profunda, ele percebe que a fonte da consciência, existência e bem-aventurança dentro daquele indivíduo é a mesma que o *Ātman* ou a centelha Divina dentro de si mesmo. Ao ver assim a unidade, ele cumpre seu dever mais elevado, torna-se um com Deus e declara como fez Jesus Cristo: 'Eu e meu Pai somos um.' Ele habita nessa suprema consciência de Deus para sempre; ele não tem problemas, ansiedade ou tristeza; ele é livre, emancipado e bem-aventurado¹⁷. Como pode haver qualquer tristeza, sofrimento, miséria ou dor onde não há nada além da Divindade? Todos estes existem onde a ideia de dualidade ou multiplicidade prevalece; mas com o reconhecimento da unidade espiritual vem a cessação da dor, tristeza e sofrimento.¹⁸

O universo é um oceano de Divindade, e todo medo da morte e da punição deve desaparecer com a realização desta Verdade. O verdadeiro Ser nunca sofre. Ele já é divino e livre do nascimento e da morte;¹⁹ e quando sabemos disso, a vida se torna digna de ser vivida aqui e agora. Caso contrário, podemos realizar deveres para sempre sem encontrar paz e felicidade; mas quando realizamos nossa unidade com a Divindade e alcançamos esse estado de supraconsciência, ou consciência de Deus, todos

¹⁶ Bhagavad Gita, Cap. VI, 29.

¹⁷ Bhagavad Gita, Cap. II, 15.

¹⁸ Bhagavad Gita, Cap. II, 20.

¹⁹ Bhagavad Gita, Cap. II, 20.

os nossos desejos e deveres são cumpridos, todos os nós de nossos corações são rompidos, todas as dúvidas cessam para sempre, todas as questões são respondidas²⁰, e a alma individual transcende todas as leis. Aquele que entendeu o único dever supremo e o cumpriu, alcançou a liberdade e ganhou o amor Divino e a sabedoria Divina nesta terra. Ele transcende toda a lei do Karma, a lei da compensação e da retribuição, e entra na morada da existência eterna, inteligência e bem-aventurança.



APÊNDICE A

ILUSÃO

Se tudo o que vemos e sentimos são ilusões, o que é a Verdade? Temos que entender o significado da palavra *ilusão*. Ilusão não significa ‘não-existência’. Significa *realidade relativa*, isto é, existe por enquanto e não tem existência permanente. Muito poucas pessoas sabem o significado de ilusão. Elas pensam que é como a miragem. Você não pode perceber isso como uma miragem enquanto está nela. Eu diria que é mais como um sonho. Os sonhos são reais enquanto estamos sonhando, mas quando acordamos eles se tornam irreais. Se todas essas coisas que estamos fazendo são transitórias, isto é, existem por enquanto, e as consideramos como reais, é a mesma coisa como se estivéssemos sonhando. Mas há um despertar deste estado de sonho, e isso é chamado de ‘supraconsciência’. É a consciência de Deus. Então parece como um sonho, mas não no presente. No presente, elas são todas reais, e devemos continuar fazendo exatamente como estamos fazendo.²¹

Não podemos encontrar a Verdade aqui sob estas condições, mas a Verdade está por trás de todas estas aparências. É o pano de fundo. Da

²⁰ Mundaka Upanishad, 2.2.8.

²¹ Sankara Vásyam, 2. 1. 14.

Verdade viemos à existência, na Verdade vivemos e na Verdade retornamos no momento da dissolução. Todo o universo é permeado pela Verdade, mas não a vemos.²² Vemos apenas a *aparência da Verdade*. Tome, por exemplo, uma mesa. A mesa não pode permanecer para sempre. Se você a queimar, ela se foi. Para onde ela vai? O que resta então? Se nosso corpo é destruído, o que resta então? Nós não o vemos. Assim, do não-manifesto viemos para a manifestação. Podemos perceber com nossos cinco sentidos. Podemos ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar. Mas o que vemos não sabemos. Você vê a cor, por exemplo. Você vê uma bela cor em uma flor. Se você a analisar e estudar cuidadosamente, a fisiologia lhe dirá que você não vê nenhuma cor lá. Não há cor. Há algum tipo de vibração do éter. É um jogo de luz, e a luz nada mais é do que vibração. Mas uma pessoa ignorante diz: 'Eu a vejo, aqui está; como posso negá-la?' É verdade que ele não pode negá-la. Mas o que ele vê e sente não é exatamente o que é na realidade. Há um certo tipo de vibração que vem da flor e produz uma espécie de imagem invertida em nossa retina. E mesmo essa imagem nós não vemos, mas essa imagem produz uma mudança molecular no nervo óptico e no córtex do cérebro na parte de trás de nossa cabeça, e então é traduzida em sentimento ou sensação. Então tentamos rastrear a causa dessa sensação, e pela lei da causalidade vemos que está lá. Aquela flor causou essa sensação, e a chamamos de vermelha ou amarela ou qualquer cor que você queira chamar. A cor não poderia existir se você não tivesse o nervo óptico, a retina e o cérebro. É uma existência condicional, e esse é o significado da ilusão. A vibração real não poderíamos ver ou perceber com os sentidos, mas ela está lá da mesma forma. Você pode chamá-la de X. Assim, a mesa real, a fundação, o *nôumeno* desta mesa, não vemos. Vemos apenas a cor, a forma. Então temos a sensação de finura ou espessura, ou aspereza ou suavidade. Estas são as qualidades. Mas a substância real não vemos. E, portanto, estas qualidades são as aparências. A substância é a realidade permanente. Da mesma forma, há uma realidade permanente em cada um de nós, mas apenas nossas aparências de qualidades que compõem nossa personalidade são vistas, e essa personalidade está constantemente mudando. Você não é a mesma pessoa do passado quando

²² Brihadaranyaka Upanishad, 3, 7, 17.

era um menino ou uma menina. Mas você não leva em consideração todas essas mudanças. Você pensa que é a mesma pessoa, embora tenha um novo corpo e cérebro. Você está criando o cérebro novo o tempo todo, e o sistema nervoso. Todo o organismo passou por uma mudança completa, mas ainda assim você é a mesma pessoa. O que não está mudando lá? O que é imutável em você? Aquilo que é imutável em você deu a fundação dessa identidade que faz você sentir que é a mesma pessoa. Mas você não sabe essa coisa no momento presente. Essa é a coisa mais importante, mas ainda não a conhecemos. Estamos iludidos que somos a mesma pessoa, vamos viver aqui para sempre, e este é nosso lar. Esse é um tipo de ilusão que temos. É um *falso conhecimento* (*mithyā-pratyaya*). É indiscriminação. É o que é chamado de 'consciência indiferenciada'. E esse é o significado da ilusão.

Mas podemos sair disso no momento em que realizamos quem somos na realidade. Esse é o nosso Ser imortal. Essa é a Verdade. A Verdade não está longe de nós. Somos parte e parcela da Verdade, porque *somos eternos*. Mas não este corpo, nem nossa personalidade é eterna. Ela irá embora. Nossos sentidos não são eternos, eles irão embora. A fundação real de nosso ser, nossa vida, é eterna, é uma força vital. Mas não sabemos o que é a vida, assim como não sabemos o que é a eletricidade, e ainda assim estamos usando eletricidade o tempo todo. Assim, a manifestação da eletricidade é uma aparência, mas a força em si é desconhecida e incognoscível para nós. É desconhecida e incognoscível para a mente comum. Mas quando temos melhor conhecimento, quando temos a realização da fonte de todas as forças, então sabemos o que é. É a expressão de uma força. O universo inteiro está vivo. Não existe tal coisa como matéria morta. Mas ainda assim vemos que é matéria morta, o que é uma ilusão. Você pensa que está doente, tem uma doença, uma indigestão, ou algum tipo de dor. Isso é uma ilusão. Você sabe, se você é espírito, não pode ter doença. O espírito nunca está doente, e o corpo morto nunca está doente. Então quem está doente? Se o corpo morto não pega resfriado ou tem indigestão, então onde está a indigestão? Isso é uma ilusão. É um tipo de problema perplexo. Mas temos que passar por isso e transcendê-lo.



APÊNDICE B

CORAÇÃO E MENTE

Qual é o princípio subjacente do coração em contraste com a mente? Os dois termos, 'coração' e 'mente', são usados de forma muito vaga na conversa comum. O coração se refere ao sentimento, e a mente inclui muitas outras atividades e outras funções. De acordo com a filosofia Vedanta, a mente não é a mesma coisa que o espírito, mas é o instrumento do espírito. Na Ciência Cristã e em outro Novo Pensamento, você encontrará que a mente e o espírito, a alma e a vida e o ser eterno, todos se referem à mesma coisa. Na psicologia, você encontrará que a mente inclui coração, sentimentos, emoção e tudo. Mas quando a palavra 'coração' é usada, nós a chamamos de *Chitta*. 'Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus', diz Jesus Cristo. Lá, o coração não significa o coração físico, mas se refere à propriedade de sentir das percepções e conceitos; isto é, depois de perceber um objeto, uma impressão é deixada na mente. E todas essas impressões que ganhamos devem ser purificadas. Essas impressões são as causas de desejos futuros. Se apagarmos essas impressões que estão gravadas na substância mental, então a substância mental se torna pura. Então ela obtém o poder de refletir.

Essa ideia não é dada em nenhuma outra filosofia, exceto a *Raja Yoga*. A mente é considerada como o espelho, e se o espelho estiver coberto de lama, sujeira ou poeira, seu poder de reflexão seria suprimido. Assim, a mente de um homem ou mulher mundano, que tem todos os tipos de desejos para o corpo físico e o mundo material, recebeu todas essas impressões da natureza material e elas se formaram como sujeira ou poeira sobre o espelho do coração. Essas impressões não morrerão a menos que sejam forçadas a sair, mas elas irão reter os germes de desejos futuros. Os desejos futuros são o resultante de nossas impressões de experiências anteriores. Como por exemplo, se você come um novo prato que é muito delicioso, depois que você termina o ato particular de comer, a impressão do sabor permanecerá na mente subconsciente, e essa impressão criará mais cedo ou mais tarde um desejo por esse tipo de disfrute da mesma coisa mais uma vez. E então, da próxima vez que você a disfrutar, criará

outra impressão, e então a impressão anterior será fortalecida pela próxima impressão. Assim, toda vez que você disfruta de qualquer coisa ou experimenta qualquer coisa, sua mente subconsciente é gravada, e isso se torna um hábito. *O que chamamos de 'hábito' não é senão uma série de impressões.* E se torna tão forte que molda todo o nosso caráter e essa é a nossa segunda natureza. A primeira natureza também foi produzida da mesma maneira. Uma pessoa se torna um bêbado ou um viciado em drogas da mesma maneira. Mas essas impressões ou *Samskaras* são os obstáculos que estão nos segurando neste plano, e não podemos obter o conhecimento da Verdade suprema. Para obter este conhecimento supremo, devemos purificar nossos corações. Pela purificação do coração, queremos dizer que devemos esfregá-lo com a discriminação. Em vez de ceder aos desejos, alguns dizem, você deve matá-los. *Mas você não pode matá-los.* Existem certos cultos que ensinam: 'Mate todos os desejos e faça sua mente em branco.' Não podemos fazer isso. Será absolutamente impossível fazer isso. *Podemos reduzir o número de desejos através do discernimento e não permitindo a indulgência. Dessa forma, podemos purificar nosso coração ou mente.* Assim, o coração significa a mesma coisa que a mente, ou sentimento, ou percepção, ou conceito, que temos dentro de nós.

